

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

A agroecologia como opção de renda na agricultura familiar: o caso de produtores vinculados ao CAPA/Ecovale - Santa Cruz do Sul.

Lilian Dalbem de Souza Feuerharmel

Porto Alegre

2018

Lilian Dalbem de Souza Feuerharmel

A agroecologia como opção de renda na agricultura familiar: o caso de produtores vinculados ao CAPA/Ecovale - Santa Cruz do Sul.

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Geografia apresentado ao Instituto de Geociências da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Geografia)

Orientador: Prof. Dr. Luiz Fernando Mazzini Fontoura

Porto Alegre
2018

FICHA CATALOGRÁFICA

Feuerharmel, Lilian Dalbem de Souza
A agroecologia como opção de renda na agricultura familiar: o caso de produtores vinculados ao CAPA/Ecovale - Santa Cruz do Sul. / Lilian Dalbem de Souza Feuerharmel. -- 2018.
55 f.
Orientador: Fontoura Luiz Fernando Mazzini.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Geociências, Bacharelado em Geografia, Porto Alegre, BR-RS, 2018.

1. Agroecologia. 2. Renda. 3. Agricultura Familiar . 4. CAPA-Ecovale . I. Luiz Fernando Mazzini, Fontoura, orient. II. Título.

Lilian Dalbem de Souza Feuerharmel

A agroecologia como opção de renda na agricultura familiar: o caso de produtores vinculados ao CAPA/Ecovale - Santa Cruz do Sul.

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Geografia apresentado ao Instituto de Geociências da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Geografia

Aprovado em: _____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Paulo Roberto Rodrigues Soares - UFRGS

Prof. Dr. Mario Leal Lahorgue - UFRGS

Prof. Dr. Luiz Fernando Mazzini Fontoura - UFRGS (orientador)

Agradecimentos

Agradeço, primeiramente, ao professor Mazzini por sua orientação e paciência!

Ao Daniel, meu companheiro de vida, te amo!

Aos meus cachorros, que me fizeram companhia nos estudos e me deixam xingar quando estou brava, e ainda assim sempre abanam o rabinho quando me veem!

Ao pessoal do Capa e da Ecovale, que me receberam e forneceram dados para essa pesquisa!

Aos agricultores e agricultoras agroecológicos, por seu trabalho lindo, e em especial aos que entrevistei, pelo carinho que fui recebida e pela boa vontade para responder!

A todos que me ajudaram nessa jornada, fica minha gratidão!

Janela sobre as proibições

*Na parede de um botequim de Madri, um
cartaz avisa: Proibido cantar.*

*Na parede do aeroporto do Rio de Janeiro,
um aviso informa: É proibido brincar com os
carrinhos porta-bagagem.*

*Ou seja: ainda existe gente que canta,
ainda existe gente que brinca.*

Eduardo Galeano (As Palavras Andantes)

RESUMO

A agroecologia é uma ciência que objetiva uma agricultura mais limpa, ecológica, com o mínimo de impacto negativo no ambiente, respeitando a biodiversidade e culturas locais. Este trabalho investiga se a produção agroecológica é financeiramente viável para seus produtores. Para isso, foram entrevistados produtores familiares agroecológicos vinculados ao CAPA/Ecovale - Santa Cruz do Sul, e questionados sobre os custos de produção e rendas adquiridos pela produção agroecológica, além das suas impressões sobre a forma de ser da agroecologia e seu contentamento com esse tipo de produção. Após averiguadas as respostas, foi constatado que a agroecologia é sim uma opção viável de renda para os agricultores, principalmente por ter poucos custos com a produção, além de ser ambientalmente mais correta. Existem ainda problemas para a produção, especialmente ligados à mão de obra e distância do mercado consumidor, e devem ser averiguados meios para solucioná-los. Apesar disso, os produtores se sentem contentes com esse tipo de produção.

Palavras-chave: Agroecologia. Renda. Agricultura Familiar. CAPA-Ecovale

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa de localização dos municípios vinculados à Ecovale	12
Figura 2 – Selo de conformidade de orgânicos	24
Figura 3 - Hortas de produção agroecológica	31
Figura 4 – Proporção da área dos estabelecimentos com produção Agroecológica, Convencional e Reserva Legal das propriedades visitadas.	34
Figura 5 – Distribuição dos cultivos por área ocupada.....	35
Figura 6 – Custos de produção dos produtos agroecológicos.....	39
Figura 7 - Imagens da feira da Ecovale em Santa Cruz do Sul.....	40
Figura 8 – Receita de vendas mensal de produtos agroecológicos.	41
Figura 9 – Relação entre Receita e Custos para a produção agroecológica (média mensal)	42
Figura 10 – Renda mensal das famílias entrevistadas.....	43
Figura 11 – Composição da renda das famílias, por tipo de produto comercializado (média mensal).....	44
Figura 12 – Renda por hectare da lavoura agroecológica e convencional.....	45

LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Composição da Ecovale.....	22
Quadro 2 – Características do produtor	29
Quadro 3 - Características da propriedade	30
Quadro 4 – Sobre a produção orgânica	31

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
1.1 Problema	9
1.2 Hipótese.....	9
1.3 Objetivos.....	9
1.3.1 Objetivo Geral.....	9
1.3.2 Objetivos específicos.....	10
1.4 Justificativa	10
1.5 Área de estudo	11
2 MÉTODO E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	13
3 REFERENCIAL TEÓRICO	15
3.1 Do Desenvolvimento ao Desenvolvimento Sustentável: Revolução Verde e Agroecologia	15
3.2 Agroecologia: conceitos e princípios	17
3.3 A agroecologia e a agricultura familiar.....	18
3.4 A Agroecologia na região Santa Cruz do Sul: o papel do CAPA e da Ecovale....	20
3.5 Da certificação de produtos orgânicos.....	23
3.6 A Rede Ecovida de certificação	24
4 RESULTADOS	27
4.1 Característica dos produtores.....	27
4.1.1 Características da família e residência.....	27
4.2 Estrutura das propriedades: formas de aquisição e área ocupada.....	30
4.3 Motivos para a produção agroecológica	30
4.4 O papel das instituições para a produção agroecológica.....	33
4.5 Área, Produtos e Certificação orgânica	33
4.6 Sensação de bem-estar e problemas da produção	37
4.7 Uso de financiamentos e empréstimos.....	38
4.8 Custos de produção.....	39
4.9 Comercialização e Participação na renda.....	40
5 CONCLUSÕES	47
6 REFERÊNCIAS	50
ANEXO A – MODELO DE ENTREVISTA	52

1 INTRODUÇÃO

A agricultura pode ser considerada a base de uma sociedade na medida em que é ela quem fornece alimento para as pessoas e diversos tipos de matéria-prima para transformação. A Revolução Verde que ocorre da década de 1940 em diante traz o uso de tecnologias e insumos à agricultura, fazendo com que a produção agrícola desse um salto quantitativo. Porém causou danos à saúde e ao ambiente, como a degradação dos solos e poluição de rios, devido ao uso excessivo de agrotóxicos e mecanização por vezes inadequada. Em contestação a esse modelo de agricultura, chamada moderna ou convencional, a partir da década de 1970 emergem novas propostas para a agricultura, como é o caso da Agroecologia. A agroecologia é definida “como a aplicação dos conceitos e princípios ecológicos para desenhar agroecossistemas sustentáveis” (ALTIERI, 2012, p. 104) com práticas que respeitam a saúde e equilíbrio do ambiente, fornecendo alimentos de qualidade com o mínimo de impacto negativo no meio biótico e abiótico. Mas será que a agroecologia permite que os agricultores familiares tenham neste tipo de produção o seu sustento básico, sendo uma real opção de renda e desenvolvimento sustentável?

Santa Cruz do Sul é um município importante produtor de fumo, cultivado principalmente em pequenas e médias propriedades de produção familiar. Neste município, desde a década de 1980 existe um núcleo do CAPA (Centro de Apoio e Promoção da Agroecologia), uma organização ligada à Igreja Luterana, que atua incentivando e apoiando aos agricultores familiares para que tenham em sua base produtiva o cultivo de alimentos de forma saudável. O CAPA fornece assistência para vários municípios da região, e é um dos motivos de haver a produção orgânica/agroecológica na região. Um dos braços de apoio do CAPA é a ECOVALE (Cooperativa Regional de Agricultores Familiares Ecologistas Ltda.), que é a Cooperativa onde os produtos beneficiados agroecológicos são comercializados. A ECOVALE existe desde o ano 2000 e os agricultores vinculados a ela vivem nos municípios de Candelária, Santa Cruz, Vale do Sol, Venâncio Aires e Vera Cruz.

Para responder se a produção agroecológica é viável economicamente para os seus produtores, foram realizadas entrevistas com os alguns produtores agroecológicos vinculados ao CAPA. A pesquisa com os produtores buscou desvendar as razões pela

opção da produção agroecológica, suas expectativas e necessidades, e principalmente, a quantidade de produtos comercializados, os valores gastos e obtidos com a produção agroecológica.

Após os dados levantados e cuidadosa análise, é esperado que se comprove que a agroecologia é uma opção de produção viável economicamente, pois permite que se garanta o sustento da família, a segurança alimentar e respeito à natureza, correspondendo adequadamente ao desenvolvimento sustentável.

1.1 Problema

A produção agroecológica permite práticas sustentáveis, já que respeitam o ambiente e saúde. Mas será que permite que o agricultor e sua família tenham condições de suprir as necessidades básicas de vida do produtor e família, tornando-se uma real opção para o desenvolvimento sustentável para essas unidades de produção?

1.2 Hipótese

A opção pela produção baseada na Agroecologia é uma ótima opção de produção pois reduz a contaminação e degradação do ambiente, além de defender a segurança alimentar e valorizar a cultura local. Como a agroecologia utiliza práticas para melhorar a fertilidade natural do solo, ela permite uma produção saudável e volumosa. Desta forma, através de sua produção agrícola o agricultor comercializa seus produtos e consegue manter dignamente a si e sua família.

1.3 Objetivos

1.3.1 Objetivo Geral

Analisar a comercialização dos produtos oriundos da produção agroecológica familiar de alguns produtores de Santa Cruz do Sul, Vera Cruz e Venâncio Aires para determinar se este tipo de produção é uma opção viável de renda e desenvolvimento sustentável.

1.3.2 Objetivos específicos

Para o desenvolvimento da pesquisa, os objetivos específicos investigados foram:

- Discutir conceitos relacionados à agroecologia: origem, princípios e formas de produção;
- Identificar junto aos agricultores familiares:
 - A estrutura familiar (nº de pessoas, idade, escolaridade);
 - O tamanho médio de cada unidade familiar;
 - Quando e por que as famílias optaram por esse tipo de produção;
 - Qual sua situação de bem-estar e contentamento;
 - Expectativas quanto à produção e futuro;

- Caracterizar a produção:
 - Quais são os produtos cultivados e quais são os principais;
 - Se na propriedade existe outra forma de cultivo além do agroecológico;
 - Custos da produção agroecológica;
 - Receita bruta da comercialização dos produtos agroecológicos;
 - A participação na economia familiar dos produtos agroecológicos e convencionais;
 - O destino da produção - as formas de comercialização
 - Como se caracteriza o apoio técnico recebido

- Investigar o CAPA-ECOVALE:
 - O histórico do CAPA e ECOVALE;
 - O número de produtores agroecológicos a eles vinculados e de quais municípios;

1.4 Justificativa

Defende-se a produção agroecológica por muitos motivos, que incluem a visão sistêmica do ambiente e a responsabilidade social. Mas além destas importantes características, é necessário que o produtor possa se manter economicamente, pois

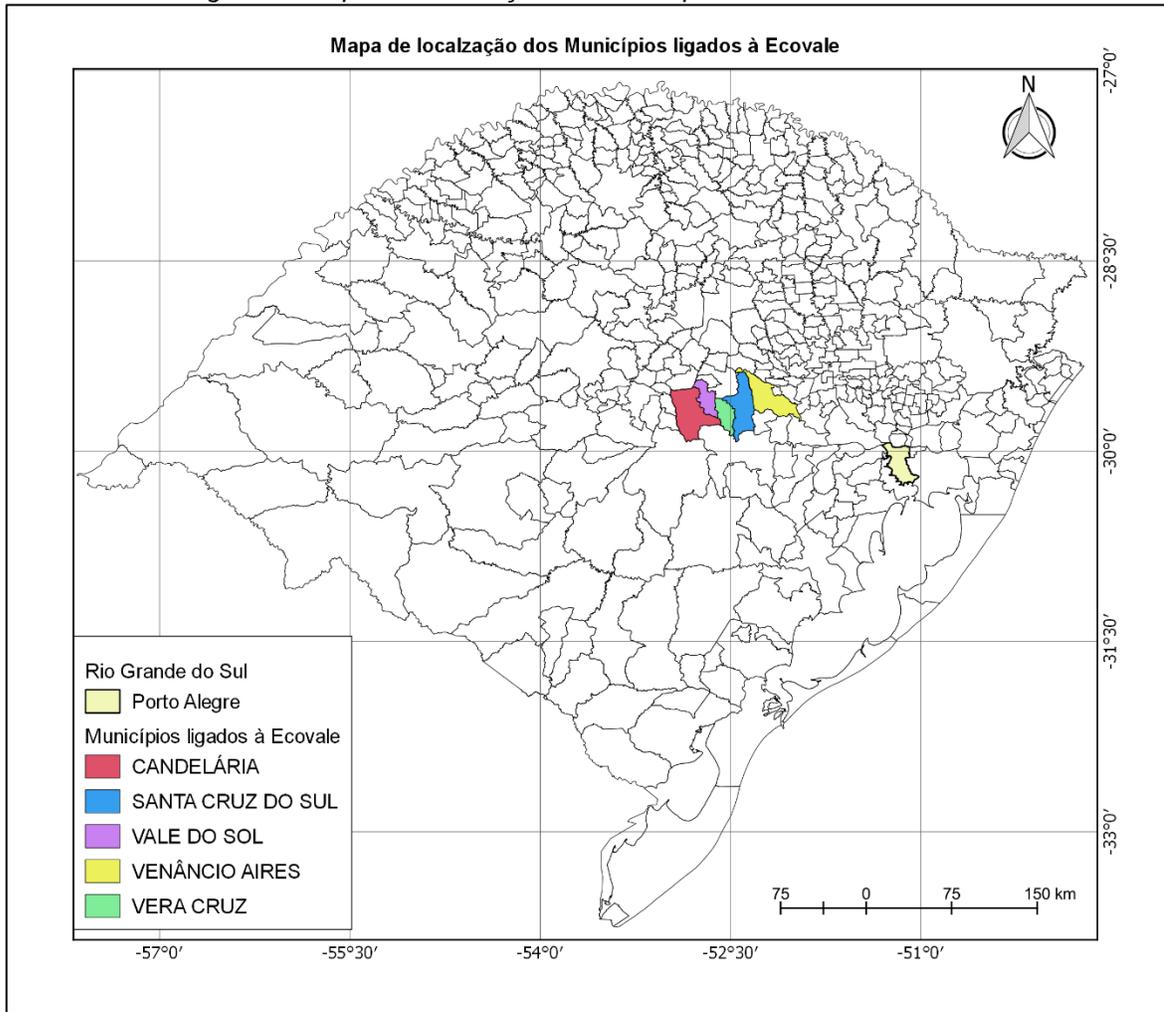
apesar de produzir alimentos, lembremos que existem outras necessidades básicas, como saúde e educação, que geram custos, mesmo utilizando o sistema público. Nesse sentido, a produção agroecológica deve permitir que o agricultor consiga a partir da comercialização dos produtos uma margem de lucro que o permita viver de maneira segura e confortável; não no sentido da sociedade consumista, onde mais é melhor, mas sim dentro da perspectiva das necessidades básicas (acesso à saúde, educação) e alguns confortos que tornam a vida mais fácil (como geladeira, automóvel).

Justifica-se essa pesquisa pois ao mostrar que a produção agroecológica pela agricultura familiar é ética e financeiramente viável, torna-se uma opção adequada para o desenvolvimento sustentável, colaborando para a ampliação do número de produtores agroecológicos.

1.5 Área de estudo

Neste trabalho a pesquisa foi realizada com alguns agricultores familiares vinculados à Ecovale. Os municípios fazem parte da região do Vale do Rio Pardo, que é a região de maior produção de tabaco do país. Santa Cruz do Sul, categorizada pelo IBGE como um centro urbano sub-regional nível A, possui um grande número de agricultores familiares; porém, como também é onde se concentra grande número de empresas fumageiras, muitas famílias se dedicam unicamente à monocultura do tabaco (LUDTKE, 2016). Conforme dados preliminares do Censo Agropecuário 2017, Santa Cruz do Sul é a oitava maior produtora de fumo, com 9.263,260 kg do produto em 1.694 unidades produtoras. Venâncio Aires apresenta a terceira maior produção do Estado, 15.988,300 kg em 2.464 estabelecimentos. Vera Cruz produziu 7.036.000 kg em 1.192 estabelecimentos (IBGE, 2018).

Figura 1 - Mapa de localização dos municípios vinculados à Ecovale



Elaborado por: Feuerharmel, Lilian D. S.

2 MÉTODO E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para esta pesquisa o método científico utilizado foi o **indutivo**, na qual considera que “a partir da observação é possível formular uma hipótese explicativa para a causa do fenômeno” (GERHARDT e SILVEIRA, 2009, p. 27). A forma de abordagem foi **qualitativa**, que se preocupa “com o aprofundamento da compreensão de um grupo social”, e a sua amostra é capaz de produzir novas e aprofundadas informações (GERHARDT e SILVEIRA, 2009, p. 31-32). Quanto aos objetivos, segundo a classificação de Gil (GIL *apud* Gerhardt e Silveira, 2008), foi uma pesquisa **exploratória**, que é caracterizada por ter como objetivo propor maior familiaridade com o problema, tornando-o mais explícito. O levantamento de dados foi realizado com questionário semiestruturado. O procedimento foi o **estudo de caso**, que é aplicado para a compreensão de diferentes fenômenos sociais.

Quanto aos procedimentos metodológicos, vários procedimentos foram utilizados. Inicialmente houve o aprofundamento do referencial teórico, para aprofundar a discussão acerca dos conceitos como agroecologia e desenvolvimento sustentável.

A etapa seguinte, para o levantamento de dados, foi realizada pesquisa de campo diretamente com produtores agroecológicos vinculados à Ecovale. As entrevistas foram na propriedade de cada entrevistado e na Feira. O grupo amostral foi composto pelos 3 agricultores de Santa Cruz do Sul e 2 de Venâncio Aires e 01 de Vera Cruz. O formato dessas entrevistas consta no anexo 1, e foram também gravadas.

As entrevistas envolveram questões referentes ao motivo, por parte dos produtores, da opção pela produção agroecológica, se esta é a única forma de sustento da família (caso não, quais outras formas) e o quanto se produz por ano de cada produto e destino e valor de comercialização, e se a propriedade está com dívidas em banco. Além disso, averiguar como se configura o apoio técnico, as vantagens e dificuldades de sua forma de produção, o quanto estão felizes e satisfeitos com essa forma de vida.

Depois de todas as entrevistas realizadas, será o momento de tabular e analisar os resultados. Para os dados de produção, comércio e dívidas, será feita uma tabela para cada propriedade. A análise destes dados será quantitativa de valor. Com estes dados saberemos o valor de produção e principais produtos em termos de valor. A questão da dívida reflete o grau de liberdade do produtor.

Para a configuração das vantagens e dificuldades da produção e de felicidade e contentamento será feita uma síntese entre todas as entrevistas, destacando, se houver, os pontos convergentes entre as opiniões dos produtores.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 Do Desenvolvimento ao Desenvolvimento Sustentável: Revolução Verde e Agroecologia

Num sentido amplo, desenvolvimento pode ser a "realização de potencialidades socioculturais e econômicas de uma sociedade em perfeita sintonia com seu entorno ambiental" (CAPORAL e COSTABEBER, 2001, p. 22). Porém, com o desenvolvimento capitalista e o modo liberal de pensamento, o desenvolvimento passou a significar crescimento econômico, em que os padrões a serem atingido por todos é o modo de vida urbano-industrial dos países desenvolvidos. Todos os diferentes deste modelo de sociedade são considerados subdesenvolvidos e devem buscar o crescimento econômico para tornarem-se desenvolvidos (CAPORAL e COSTABEBER, 2001).

Essa busca sem medidas ao tal desenvolvimento repercutiu de muitas formas negativas, pois apesar do crescimento econômico (medido principalmente pelo crescimento do PIB), as desigualdades sociais permaneceram ou aumentaram, além de estar causando grandes danos à natureza ao fazer uso excessivo de recursos não renováveis, destruindo ecossistemas para a monocultura, lançando grandes quantidades de gases nocivos na atmosfera, poluindo recursos hídricos, etc. (CAPORAL e COSTABEBER, 2001).

Desta óptica de desenvolvimento faz surgir a Revolução Verde, lançada na década de 40 e, segundo Brum (1988), era um programa que tinha o objetivo de contribuir como o aumento da produção e produtividade agrícola por meio de criação de sementes mais resistentes a pragas e adversidades climáticas, além da pesquisa e descoberta de novas técnicas agrícolas mais modernas e eficientes. Por trás desses objetivos, ocultavam-se "interesses econômicos e políticos ligados à expansão e fortalecimento de grandes corporações a caminho da transnacionalização" (p.44). A Revolução Verde abriu caminho para a "substituição da agricultura tradicional por uma agricultura modernizada" (p.45) e com isso favoreceu a expansão de grandes corporações econômicas ligadas tanto à indústria quanto à pesquisa e ao financiamento de crédito agrícola.

Das diversas críticas ao modelo de desenvolvimento, a partir da década de 1970 recebem atenção novas formas de pensar o desenvolvimento, nascendo correntes que defendiam uma nova concepção de desenvolvimento que envolvesse junto a problemática ambiental. Em meados dos anos 1980 emerge o conceito de sustentabilidade, abrangendo as esferas econômica, ambiental e social, aliando estes temas ao conceito de desenvolvimento (DEPONTI e ALMEIDA, 2002).

O termo desenvolvimento sustentável ganha corpo a partir de um relatório elaborado pela Comissão Mundial sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento da Organização das Nações Unidas (ONU), denominado Nosso Futuro Comum, ou Relatório Brundtland. Neste relatório conta que:

O desenvolvimento sustentável é o desenvolvimento que encontra as necessidades atuais sem comprometer a habilidade das futuras gerações de atender suas próprias necessidades. (ONU BRASIL, 2018)

Na agricultura, novas correntes de pensamento surgem, ligadas ao conceito de desenvolvimento sustentável. Dentre as principais Caporal e Costabeber (2001) destacam a Corrente Ecotecnocrática e a Corrente Ecosocial. A primeira, vinculada ao pensamento liberal, em resumo, oferece alternativas ligadas ao mercado para a solução dos problemas ambientais, como a estabelecimento de preços e cobrança de taxas pelos produtos e serviços da natureza. A Corrente Ecosocial, antagônica à corrente neoliberal, reivindica mudanças estruturais na sociedade, buscando novas estratégias de desenvolvimento (CAPORAL e COSTABEBER, 2001).

Com a emergência do Desenvolvimento Sustentável e, especialmente do ponto de vista dos Ecosociais, logo esse conceito é levado para o meio agrícola onde se discute os impactos negativos da Revolução Verde. Da compreensão sobre os problemas ambientais causados pela mecanização inadequada, uso de agrotóxicos e fertilizantes sintéticos, deterioração do meio biótico e êxodo rural, torna-se evidente que a agricultura necessitava de novas práticas que fossem ambientais e socialmente mais justas e corretas. Assim, em meados dos anos 1970, atores sociais que lutam por uma agricultura 'alternativa' ou 'diferente' surgem do esgotamento dos processos de modernização no meio rural. Nesse momento, esses atores compõe uma corrente alternativa: reivindicam mudanças estruturais na sociedade em busca de novas estratégias de desenvolvimento. Dependendo dos atores envolvidos, diferentes concepções e propostas leva a

classificação de distintos grupos, como: agricultura alternativa propriamente dita, agricultura orgânica, biodinâmica, entre outros. Esses grupos trazem em comum o repensar a relação da agricultura com o meio natural (ALMEIDA, 1999), sendo socioambientalmente mais corretas.

Nesse momento a proposta de Agroecologia propunha uma agricultura alternativa ao modelo convencional, defendendo uma agricultura de base ecológica que buscasse promover o desenvolvimento sustentável (ALMEIDA, 1999). Por quase uma década se tratou a Agroecologia como uma forma de agricultura alternativa, mas a partir dos anos 1980 ela começa a adquirir enfoque científico, tentando integrar Ecologia e Agronomia, e em seguida incorporou também o saber popular (CAPORAL, sd).

3.2 Agroecologia: conceitos e princípios

Segundo Caporal, a Agroecologia “no seu sentido mais comum, **é a ciência que nos ajuda a articular diferentes conhecimentos científicos e saberes populares para a busca de mais sustentabilidade na agricultura**” (CAPORAL, sd, p. 01). Desde a década de 1980 não é correto tratarmos da Agroecologia como agricultura alternativa, pois hoje já está consolidada como um enfoque científico, técnico e metodológico sendo, portanto, uma ciência. Ainda conforme este autor, a Agroecologia deve ser compreendida como a “ciência que estabelece as bases para a construção de estilos de agriculturas sustentáveis e de estratégias de desenvolvimento rural sustentável” (CAPORAL e COSTABEBER, 2004, pp. 5-6). Complementando, Altieri descreve a Agroecologia sendo uma ciência “definida como a aplicação dos conceitos e princípios ecológicos para desenhar **agroecossistemas sustentáveis**” (ALTIERI, 2012, p. 104), que devem ser ao mesmo tempo produtivos e economicamente viáveis, além de conservar recursos naturais e ser culturalmente adaptado (ALTIERI, 2012).

Os **agroecossistemas são formados por plantas e animais em interação com o ambiente físico**, de forma a otimizar as interações ecológicas e sinergia entre os elementos bióticos do sistema para que haja maior fertilidade do solo e mais produtividade dos cultivos (ALTIERI, 2012).

Para a EMBRAPA (2006), a pesquisa em Agroecologia “se orienta para o desenvolvimento de sistemas que potencializem os fluxos e ciclos naturais para que eles interatuem em favor do desempenho produtivo de cultivos e criações” (EMBRAPA, 2006, p. 17), e tem como **objeto de estudo o agroecossistema**, seu manejo e manutenção mantendo a biodiversidade. Para ela a Agroecologia é o conjunto de princípios e a Agricultura Ecológica é materialização daqueles princípios, ou seja, a forma de manejo (EMBRAPA, 2006). Exemplificando: Agricultura Biodinâmica é uma forma agricultura de base ecológica resultante da aplicação dos conceitos e princípios da Agroecologia.

Para o desenvolvimento de agroecossistemas, é necessário maior compreensão dos níveis ecológicos, de coevolução, estrutura e funcionamento dos sistemas ecológicos. Assim, a agroecologia é o “estudo holístico dos agroecossistemas” (ALTIERI, 2012, p. 105).

Um tema importante da agricultura em geral é a produtividade. Para a agricultura convencional tecnológica, a baixa produtividade resulta de problemas como pragas ou deficiência de nutrientes; sanadas estas questões limitantes, o sistema torna-se produtivo. A crítica pela Agroecologia a esta visão é que os problemas não ocorrem causados por questões específicas, mas na verdade, são consequência de um agroecossistema em desequilíbrio (ALTIERI, 2012).

Conforme Gliemann (2008), a agricultura deve ser “*tanto sustentável quanto altamente produtiva para alimentar a crescente população humana*” (p. 55). Para esse autor, não seria possível simplesmente abandonar as práticas convencionais e voltar a produzir apenas com as práticas tradicionais ou indígenas, pois esses modelos não dariam conta de alimentar os grandes mercados, já que visam a produção em pequena escala. Portanto, defende uma nova abordagem sobre o desenvolvimento agrícola, que respeite a agricultura tradicional local mas também busque conhecimentos e métodos ecológicos modernos para produção.

3.3 A agroecologia e a agricultura familiar

Considerando que a agroecologia é um contraponto ao agronegócio, pois este objetiva a produtividade e o lucro, enquanto que a agroecologia tem como uma de suas

bases a sustentabilidade na agricultura e o respeito aos diferentes modos de cultivo; logo, é possível defender que a agroecologia *combina* com a agricultura familiar.

A agricultura familiar pode ser definida como a unidade produtiva em que a família é a responsável pela produção e gestão da produção, sendo responsável tanto pela gestão agrícola quanto da reprodução social familiar (CARMO, sd.). Para Caporal e Costabeber (2001) “a Agricultura Familiar é, ao mesmo tempo, unidade de produção, de consumo e de reprodução e que, portanto, funciona mediante uma lógica de produção combinada de valores de uso e de mercadorias, objetivando sua reprodução” (p. 30)

A agricultura familiar é definida "como aquela que corresponde a uma unidade de produção onde propriedade e trabalho estão intimamente ligados à família,"

Apesar de o conceito de agricultor familiar ter vários significados, no Brasil, a lei nº 11.326/2006, que estabelece as diretrizes para a Política Nacional da Agricultura Familiar e Empreendimentos familiares rurais, definiu o que é o agricultor familiar:

Art. 3º Para os efeitos desta Lei, considera-se agricultor familiar e empreendedor familiar rural aquele que pratica atividades no meio rural, atendendo, simultaneamente, aos seguintes requisitos:
 I - não detenha, a qualquer título, área maior do que 4 (quatro) módulos fiscais;
 II - utilize predominantemente mão-de-obra da própria família nas atividades econômicas do seu estabelecimento ou empreendimento;
 III - tenha renda familiar predominantemente originada de atividades econômicas vinculadas ao próprio estabelecimento ou empreendimento;
 IV - dirija seu estabelecimento ou empreendimento com sua família. (BRASIL, 2016)

Em tempos de avanço das monoculturas e grandes empresas sobre o campo, o papel da agricultura familiar deve ser compreendido e estimulado, já que no Brasil, ela representa 84,4% dos estabelecimentos agropecuários (IBGE, 2009). Segundo estudos da ONU, nos países em desenvolvimento, os pequenos produtores fornecem cerca de 80% dos alimentos. (ONU, 2014)

Em reconhecimento a importância da Agricultura Familiar no mundo, em 2014 a ONU estipulou esse ano como o “Ano Internacional da “Agricultura Familiar”, visando aumentar a visibilidade da AF e sua importância no papel de erradicação da pobreza e da fome, provisão da segurança alimentar e nutricional, proteção do meio ambiente e desenvolvimento sustentável. (ONU, 2014). Para Miranda e Hernandez (2014), muito além do simples reconhecimento da importância da AF, o Ano Internacional da

Agricultura Familiar demonstra o reconhecimento de que a agricultura industrial não cumpriu seu papel de produzir alimentos para todos:

Debe destacarse que la declaración del Año Internacional de la Agricultura Familiar representa el reconocimiento de que la agricultura industrial (y consecuentemente el aparato institucional que le ha dado sustento) no sólo fracasó en su tarea de alimentar al planeta, sino que además está contribuyendo de manera destacada a su deterioro ambiental y a la reproducción de la pobreza y la desigualdad (MYRANDA e HERNÁNDEZ, 2014, p. 7).

Altieri (2012), elenca cinco razões pela qual a agricultura familiar camponesa deve ser apoiada e revitalizada:

- a. Pequenas propriedades rurais são a chave para a segurança alimentar mundial
- b. Pequenas propriedades rurais são mais produtivas e conservam mais os recursos naturais do que as grandes monoculturas
- c. Pequenas propriedades diversificadas representam modelos de sustentabilidade
- d. Pequenas propriedades rurais representam um santuário de agrobiodiversidade livre de Organismos Geneticamente Modificados (OGMs)
- e. Pequenas propriedades rurais resfriam o clima (ALTIERI, 2012, p. 363)

Conforme o autor, ao contrário do que supõe o senso comum, pesquisas mostram que as propriedades familiares são mais produtivas do que grandes propriedades, considerando a “produção total, ao invés de o rendimento de uma única cultura” (ALTIERI, 2012, p. 369). Os pequenos agricultores, ao manejar menos recursos de forma mais intensiva, podem obter mais lucro por unidade de produção e, assim, ter um lucro total maior – mesmo se a produção de cada mercadoria for menor (Rosset, 1999, *apud* Altieri, 2012, p.370).

3.4 A Agroecologia na região Santa Cruz do Sul: o papel do CAPA e da Ecovale

Um dos diversos grupos que se propõe a construir uma agricultura sustentável e ecológica é o Centro de Apoio e Promoção da Agroecologia – CAPA. Criado pela Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) em 1978, é uma organização civil que atua junto a grupos de famílias agricultoras, comunidades quilombolas e indígenas, para o fortalecimento da agricultura familiar ecológica, defendendo a segurança alimentar por meio de apoio a produção e distribuição de alimentos saudáveis. O CAPA é

financiado pela organização Pão Para o Mundo, que é uma Cooperativa internacional que arrecada fundos recebidos de diversas fontes, como governos, igrejas.

O primeiro núcleo do CAPA, em 1978, foi situado no município de Santa Rosa, a partir da preocupação dos problemas que existem no campo, principalmente as doenças advindas da intoxicação por agrotóxicos, o endividamento e êxodo rural dos agricultores. Em 1988 foi criado um núcleo em Santa Cruz do Sul, pelos mesmos motivos. Este núcleo atualmente atua em 20 municípios.

O CAPA sempre trabalhou com produção ecológica, segurança alimentar e saúde. Ou seja, produção de alimentos saudáveis para garantir a segurança alimentar e influenciando em um bom estado de saúde. Neste último ponto é trabalhado também com o cultivo e uso de plantas medicinais.

Quando surgiu o CAPA, na década de 1980, esta sigla significava Centro de Aconselhamento ao Pequeno Produtor. No ano de 2015 passou a significar Centro de Apoio e Promoção da Agroecologia. Esta mudança decorreu de dois fatores: o primeiro, devido a mudanças de contexto político, o pequeno agricultor ou pequeno produtor passou a ser intitulado como Agricultor Familiar; segundo, o aumento da discussão sobre Agroecologia. O CAPA, além do apoio a produção, também promove discussão de gênero nos seus grupos, através de campanhas, palestras e discussões em grupo. Desta maneira, o CAPA se adequa a novos contextos sociais.

O CAPA, além de apoio a grupos de agricultores ecologistas, atua também em parceria com a Escola Família Agrícola de Santa Cruz (EFA) e Colégio Teutônia, visando à inclusão da juventude na prática agroecológica e incentivando sua permanência no campo. Também conta como parceiros o Movimento dos Pequenos Agricultores e algumas prefeituras.

O CAPA atua auxiliando grupos de produtores nos seguintes municípios: Arroio do Meio, Cachoeira do Sul, Candelária, Cruzeiro do Sul, Dona Francisca, Itaara, Lajeado, Novo Cabrais, Paraíso do Sul, Paverama, Rio Pardo, Salto do Jacuí, Santa Clara do Sul, Santa Cruz do Sul, Santa Maria, Sinimbu, Teutonia, Vale do Sol, Venâncio Aires, Vera Cruz e Westfalia

No ano 2000 houve um aumento considerável na produção dos agricultores vinculados ao CAPA, com isso, por iniciativa de alguns produtores, foi criada uma

Cooperativa, a ECOVALE – Cooperativa Regional de Agricultores Familiares Ecologistas Ltda., para facilitar a venda dos produtos excedentes, principalmente os beneficiados, mas também hortifrúti *in natura*. A criação da Cooperativa permitiu que os produtos fossem comercializados também em programas institucionais, como o PAA (Programa de Aquisição de Alimentos) e o PNAE (Programa Nacional de Alimentação Escolar). O CAPA acompanha e auxilia a Ecovale.

Atualmente, a Ecovale tem com cerca de 35 associados dos municípios de Santa Cruz do Sul, Vale do Sol, Candelária, Vera cruz e Venâncio Aires, região do Vale do Rio Pardo. São famílias agricultoras que estão organizadas em grupos¹, formados por proximidade física – mesmo município, e possuem produção semelhante. O quadro a seguir mostra a composição da Cooperativa:

Quadro 1- Composição da Ecovale

Nome do Grupo	Ano de associação à Cooperativa	Município	Nº de famílias do grupo	Nº de associados à Cooperativa	Principais produtos
SOQUE	2000	Vale do Sol	05	04	Erva-mate, ovos, frutas, feijão, alho, cebola, batata, pinhão.
AANE Casa de Saúde	2000	Vale do Sol	06*	06	Pomadas, tinturas, bolachas, xarope, sabão.
Eco da Vida	2002	Venâncio Aires	04	05	Hortifrúti e derivados da cana
AJESMA	2004	Santa Cruz do Sul	04	04	Hortigranjeiros, panifício, mel, chás.
Chapadão	2005	Candelária	06	04	Feijão, farinha, frutas, mel.
Aprobanana	2009	Candelária	05	05	Banana, palmito juçara, açaí.
KORU	2013	Várias (egressos da EFA)	06	03	Melancia, feijões, moranga, batata-doce, aipim.
Feira Jovem	2017	Santa Cruz do Sul	05	04	Hortifrúti, panifícios, ovos.

Fonte: Formação ECOVALE – jun. 2017. Organização da autora.

¹ O CAPA faz o auxílio técnico e formação em grupos de agricultores, e não individualmente.

Esta diversidade produtiva confirma o comprometimento dos grupos com a agroecologia, já que a biodiversidade é um dos pressupostos agroecológicos. Porém, nem todas as propriedades vivem somente dos produtos agroecológicos, havendo também a lavoura convencional (principalmente o fumo) em algumas propriedades. A Ecovale incentiva os produtores para que possuam certificação de orgânicos, mas depende da iniciativa dos próprios produtores. Dos produtos que possuem certificação, esta é obtida através da Certificação Participativa da Rede Ecovida.

3.5 Da certificação de produtos orgânicos

Em que pese a produção orgânica existir de longa data, o reconhecimento em lei dessa produção só ocorreu no ano de 2003, com a lei nº 10.831, que no artigo 3º declara que todo o produto para comercialização deve ser certificado por algum órgão oficial (BRASIL, 2003).

A regulamentação da fiscalização virá no ano de 2007 com o decreto nº 6.323 (BRASIL, 2017) que regulamenta a produção e certificação de orgânicos. Nesta, aponta que a certificação dos produtos orgânicos pode ocorrer de três formas distintas:

a- Certificação por auditoria: é feita por uma certificadora pública ou privada credenciada no Ministério da Agricultura. O organismo de avaliação da conformidade obedece a procedimentos e critérios reconhecidos internacionalmente, além dos requisitos técnicos estabelecidos pela legislação brasileira.

b- Sistema Participativo de Garantia (SPG): Conforme o inciso XVI do artigo 2º o SPG é

“conjunto de atividades desenvolvidas em determinada estrutura organizativa, visando assegurar a garantia de que um produto, processo ou serviço atende a regulamentos ou normas específicas e que foi submetido a uma avaliação da conformidade de forma participativa;” (BRASIL, 2017)

Ou seja, existe uma responsabilidade coletiva de garantia de que determinado produto é orgânico. Para tanto, o SPG deve possuir um Organismo Participativo de Avaliação da Conformidade (Opac) legalmente constituído e registrado no Ministério da

Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA). É o Opac quem avalia e fornece a certificação dos produtos, através de visitas do Comitê de Verificação. Uma das vantagens desse sistema de certificação é o custo, que é muito inferior ao da Certificação por Auditoria; porém, exige maior participação do produtor, que precisa visitar outras propriedades e reuniões.

c- Controle Social na Venda Direta: A legislação brasileira abriu uma exceção na obrigatoriedade de certificação dos produtos orgânicos para a agricultura familiar. Porém é exigido o credenciamento em alguma organização de controle social cadastrado em órgão fiscalizador oficial. Com isso, os agricultores familiares passam a fazer parte do Cadastro Nacional de Produtores Orgânicos (ORGANICSNET). Conforme consta no Capítulo II, artigo 28 do decreto nº 6.323:

Para que possam comercializar diretamente ao consumidor, sem certificação, os agricultores familiares deverão estar vinculados a uma organização com controle social cadastrada no Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento ou em outro órgão fiscalizador federal, estadual ou distrital conveniado (BRASIL, 2017).

3.6 A Rede Ecovida de certificação

Dos produtores vinculados a Ecovale, a certificação é realizada através do Sistema Participativo de Garantia (SPG) por meio da **Rede Ecovida de Agroecologia**, que é um Organismo Participativo de Avaliação da Conformidade (Opac). Sua identidade visual é mostrada na figura abaixo.



Conforme seu *site*², a Rede Ecovida existe oficialmente desde 1998, resultado de anos de articulação entre ONGs e organização de produtores da região Sul do Brasil. Esta rede é formada por famílias de produtores organizados, que se articulam em grupos, associações ou cooperativas. O conjunto de grupos formam os Núcleos Regionais. O conjunto de Núcleos forma a Rede Ecovida. A Rede está presente nos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e São Paulo. Atualmente estão

² <http://ecovida.org.br/sobre/>

envolvidas cerca de 4.500 famílias de produtores articulados em 340 grupos e 20 ONGs, em 27 Núcleos Regionais (ECOVIDA).

Para que a Ecovida forneça o certificado, (Certificação Participativa, 2013) primeiramente o produtor pertencente a algum grupo deve fazer a solicitação por escrito. Depois, em Comitê de Verificação, formado por membros de outro grupo faz a visita na propriedade. A certificação por produto tem validade de um (01) ano, podendo sempre ser renovada após nova visita de certificação.

4 RESULTADOS

Os resultados apontados neste trabalho resultam da entrevista com 06 produtores agroecológicos vinculados ao CAPA/Ecovale: 03 produtores de Santa Cruz do Sul e 01 de Vera Cruz, que fazem feira na Ecovale Santa Cruz do Sul; e 02 produtores que produzem e fazem feira em Venâncio Aires.

Os nomes dos produtores não foram incluídos a pedido deles. Os dados se referem ao ano de 2018, até o mês de outubro.

4.1 Característica dos produtores

4.1.1 Características da família e residência

Para iniciar, cabe descrever as características familiares de cada entrevistado. Será chamado de Produtor o responsável pela produção agroecológica (que também respondeu às entrevistas):

- Produtor 01 (P1): Sempre foi agricultor, reside na propriedade com sua esposa, ambos com idade próxima dos 30 anos, 01 filho pequeno e seus pais, que já passam dos 65 anos. O produtor é o responsável por maior parte do serviço na agricultura, ainda que seu pai o ajude. As mulheres ficam com as tarefas domésticas e alguma ajuda na produção, na medida do possível. A sua propriedade não é apenas orgânica. A renda familiar dessa família provém da agricultura e da aposentadoria dos seus pais, já que existe o compartilhamento de algumas despesas.
- Produtor 02 (P2): Sempre foi agricultor, e reside na propriedade com sua esposa e dois filhos pequenos. Ele é o principal responsável pela produção, recebendo ajuda da esposa e dos pais. Seus pais residem na mesma propriedade, mas em residências separadas. Por isso a renda familiar é composta apenas pela renda advinda da produção. O produtor e sua esposa tem cerca de 35 anos.
- Produtor 03 (P3): sempre foi agricultor, reside na sua propriedade com sua esposa, dois filhos e seus pais. Os filhos, de 08 e 14 anos, estudam na escola da localidade, e ajudam na propriedade com tarefas adequadas a suas idades. O produtor e sua esposa tem cerca de 30 anos e ambos terminaram o ensino

fundamental. Sua esposa ajuda nos trabalhos, e faz pães e bolos para comércio. Antes da agroecologia, produzia apenas fumo na propriedade. Os pais do produtor, já aposentados rurais, ajudam em atividades leves; vivem com sua aposentadoria. Como suas aposentadorias não participam de investimentos na propriedade, suas rendas não foram contadas para o grupo familiar.

- Produtor 04 (P4): É agricultor há cerca de cinco anos. Na propriedade residem ele, a esposa e dois filhos adultos. A esposa e um dos filhos, ambos com escolaridade de nível superior, trabalham em atividades não ligados ao campo. Na propriedade trabalham o produtor e um filho. A sua propriedade está metade arrendada a terceiros, portanto o produtor só produz em metade de suas terras.
- Produtor 05 (P5): Este produtor é o mais velho, já na casa dos 60 anos. Sempre viveu na mesma propriedade. Começou o cultivo sem veneno nos anos 90, portanto, um dos mais antigos da região. Na propriedade trabalham também sua esposa e a irmã, também já com 60 anos de idade. E o sobrinho, adolescente, que frequenta o ensino fundamental e ajuda com algumas tarefas. A propriedade é toda no cultivo agroecológico. Além das lavouras, possui uma agroindústria para beneficiamento da cana – produzindo açúcar, melado e chimia.
- Produtor 06 (P6): é a produtora mais jovem, na faixa dos 20 anos, e sempre foi agricultora. Começou a produzir de forma agroecológica quando estudava curso técnico agrícola na EFA. Seus pais cederam a ela meio hectare para o cultivo do agroecológico, mas na propriedade se produz fumo, da qual seus pais são os responsáveis. Na propriedade vivem a produtora e seus pais, que trabalham na produção, e sua irmã de 8 anos de idade, que estuda no ensino fundamental. Residem na mesma propriedade (mas residências separadas) seus avós e bisavós.

Em geral, as famílias seguem o modelo tradicional, estruturadas entre marido, esposa, filhos, pai e mãe. Os produtores e suas esposas têm entre 30 e 45 anos, e 01 ou 02 filhos, na maior parte ainda crianças. Em geral, o responsável pela produção é o homem, contando com a ajuda da esposa, especialmente no cuidado da casa e dos filhos, mas também em tarefas mais “leves” da atividade agrícola, como colher, limpar os

produtos, tirar leite. Os filhos também ajudam, de acordo com a faixa etária. Em cinco casos os pais dos produtores residem junto ou próximo, são aposentados rurais e ajudam na produção ou no cuidado da casa (as mulheres) quando possível. Não costumam contratar pessoas externas para as atividades agrícolas, mas às vezes fazem troca de serviço. Em apenas 1 caso a produção agroecológica não é de responsabilidade do pai, mas sim da filha, que é a responsável pela produção agroecológica, apenas. Os pais têm cultivo convencional de fumo.

Todos os produtores entrevistados residem no próprio estabelecimento rural. Na maioria dos casos os produtores são filhos de agricultores e sempre viveram e produziram na mesma propriedade. Em apenas um caso algum membro trabalhava somente fora da propriedade, neste mesmo caso o entrevistado não tinha na agricultura uma tradição familiar. E em outro caso o produtor possui outra renda, organizando as feiras ecológicas. O Quadro 2 apresenta as respostas obtidas sobre o tempo que é produtor agrícola e residência.

Quadro 2 – Características do produtor

	P1	P2	P3	P4	P5	P6
Há quanto tempo é produtor	sempre	sempre	sempre	5 anos	sempre	sempre
Reside na propriedade?	sim	sim	sim	sim	sim	sim

Fonte: elaborado pela autora, baseado em pesquisa de campo (2018).

Quanto à escolaridade, somente 1 produtor não terminou o ensino fundamental, bem como sua esposa. Os demais têm o ensino fundamental ou ensino médio completos. Dos filhos, os que já tem idade para estar na escola, todos frequentam a escola pública da localidade. Dois produtores possuem filhos adultos, e possuem nível superior completo, mas não é ligado ao campo e eles não participam das atividades agrícolas. A produtora mais jovem do grupo investigado concluiu ensino técnico na área agrícola e pretende iniciar a Graduação em Agroecologia.

Todos vivem em casa própria, e possuem os eletrodomésticos básicos: fogão a lenha e a gás, geladeira, freezer, televisor, rádio. Todos em bom estado. As casas em geral estão em bom estado: 02 residências são novas. Dois produtores falaram que a

casa precisa de reforma. Um ainda não fez por falta de dinheiro e o outro priorizou a reforma dos galpões.

Os domicílios todos possuem energia elétrica e água encanada. E têm acesso a internet em suas casas, e sinal de celular.

4.2 Estrutura das propriedades: formas de aquisição e área ocupada

A característica geral desses produtores é que são donos das próprias terras, são pequenas propriedades e os produtores tem na agricultura seu hábito de vida, confirmando seu enquadramento como agricultor familiar. O Quadro 3 mostra as respostas obtidas nas entrevistas:

Quadro 3 - Características da propriedade

	P1	P2	P3	P4	P5	P6
Área (ha) da propriedade	7,3	30,3	20,8	10	21	17
Forma de aquisição da terra:	herança	15 ha comprados + 15,3 herança	10,6 ha compra + 10,2 ha herança	herança	herança	herança

Fonte: elaborado pela autora, baseado em pesquisa de campo (2018).

Em todos os entrevistados, a terra onde produzem é própria: aquisição por compra, por herança ou terra cedida pelos pais. Em três casos, o produtor utiliza além de suas terras adquiridos por compra, usa também as terras pertencentes a seus pais, que por já estarem idosos e aposentados, já não as utiliza mais.

4.3 Motivos para a produção agroecológica

Em geral, o motivo que levou a estes produtores procurarem a produção orgânica está ligado a saúde e segurança alimentar. Apesar disso, somente 02 produtores cultivam somente no sistema agroecológico. O Quadro 4 mostra as respostas das perguntas sobre a produção agroecológica:

Quadro 4 – Sobre a produção orgânica

	P1	P2	P3	P4	P5	P6
Toda produção é orgânica?	não	não	não	sim	sim	Não
Planta fumo?	não	sim	sim	não	não	sim
Quanto tempo produz agroecológico?	12 anos	13 anos	3,5 anos	2 anos	20 anos	03 anos
Motivo para produzir agroecológico?	Saúde, Problemas de saúde	Descontentamento com o fumo; Interesse em diversificar	Interesse em diversificar	Saúde; Não usar veneno	Nunca gostou de usar veneno	É correto
Tem planos de expandir a produção agroecológica?	Não. Precisaria primeiro crescer a demanda	Sim	Sim. pensa em seguir com PANCS ³	Sim	Não. Já está estável.	No momento não. Foco nos estudos

Fonte: elaborado pela autora, baseado em pesquisa de campo (2018).

Maior parte dos agricultores em Santa Cruz do Sul e arredores tem na sua cultura familiar a produção de fumo, que é o recorrente dessa região. Em tempos passados, 03 produtores plantavam somente fumo na propriedade. A diversificação foi resultado da busca por mais autonomia na produção e na busca por segurança alimentar. A figura abaixo mostra uma pequena área de produção agroecológica:

Figura 3 - Hortas de produção agroecológica



Fonte: capturado pela autora (2018)

³ Plantas Alimentares Não Convencionais

As imagens acima mostram a diversidade da produção: não existe uma grande área com o mesmo produto, as culturas se intercalam e há terra em pousio, além de áreas de mata. Às vezes pode ser que o inço apareça mais, mas nada que não possa ser resolvido.

Apesar da opção pela produção agroecológica, maior parte das propriedades visitadas possuíam produção paralela, ou seja, orgânicos e não orgânicos. O decreto 6.323 no capítulo II seção II permite que haja a Produção Paralela desde que os produtos orgânicos estejam claramente separados dos não orgânicos. Em campo foi constatada a existência dessa distância entre os cultivos orgânicos e não orgânicos, muitas vezes contando com a presença de morros e capoeiras separando as produções. No caso do produtor número 04, sua produção é toda orgânica, porém, ele arrenda parte das terras a terceiros, que utiliza o sistema convencional de cultivo.

Em casos como o P2, havia um descontentamento em ser dependente da uma única cultura agrícola: o preço do fumo varia conforme a empresa o classifique, portanto, o produtor não sabe quanto vai receber pelo seu produto até a hora da venda. Nas palavras dele “não tem garantia de preço e a gente planta sem saber quanto vai ganhar”. Ou seja, ao fim da safra o preço pago pelo produto poderia não ser tão compensatório, pois tudo que precisavam em termos de alimentação eles tinham que comprar. O lucro da lavoura podia não compensar os gastos e trabalho, pois em resposta ao descontentamento do preço, a empresa responde: “leva pra casa e come”.

Na busca pela diversificação na produção, foi importante a participação do produtor no CEDEJOR – Centro de Desenvolvimento do Jovem Rural. O CEDEJOR é uma instituição de extensão rural criada em 2001 pelo Instituto Souza Cruz. Através de um de seus programas, Empreendedorismo do Jovem Rural, incentiva os jovens a buscar alternativas para o desenvolvimento rural (DREBES, 2014). Ao fazer parte deste grupo, o produtor iniciou a diversificação de seus produção. Em casa encontrou a resistência do pai, que se mostrou relutante em aceitar mudanças na base produtiva. Com insistências e apostas, conseguiu que o pai cedesse uma área para experimento. O resultado foi positivo, de forma que o pai passou a apoiar e ajudar o filho com o cultivo agroecológico.

4.4 O papel das instituições para a produção agroecológica

Todo processo de mudança se torna mais fácil quando se tem o apoio de pessoas ou grupos que podem ajudar. Na produção agroecológica, o CAPA cumpre esse papel de apoio e orientação para a transição agroecológica. Na visão dos produtores entrevistados, o papel do CAPA foi mais importante no início da transição; os produtores agroecológicos que estão consolidados já não procuram assistência técnica do CAPA quando estão com algum problema, preferindo tirar dúvidas com outros produtores. Já para quando iniciaram, o Capa foi fundamental para a produção.

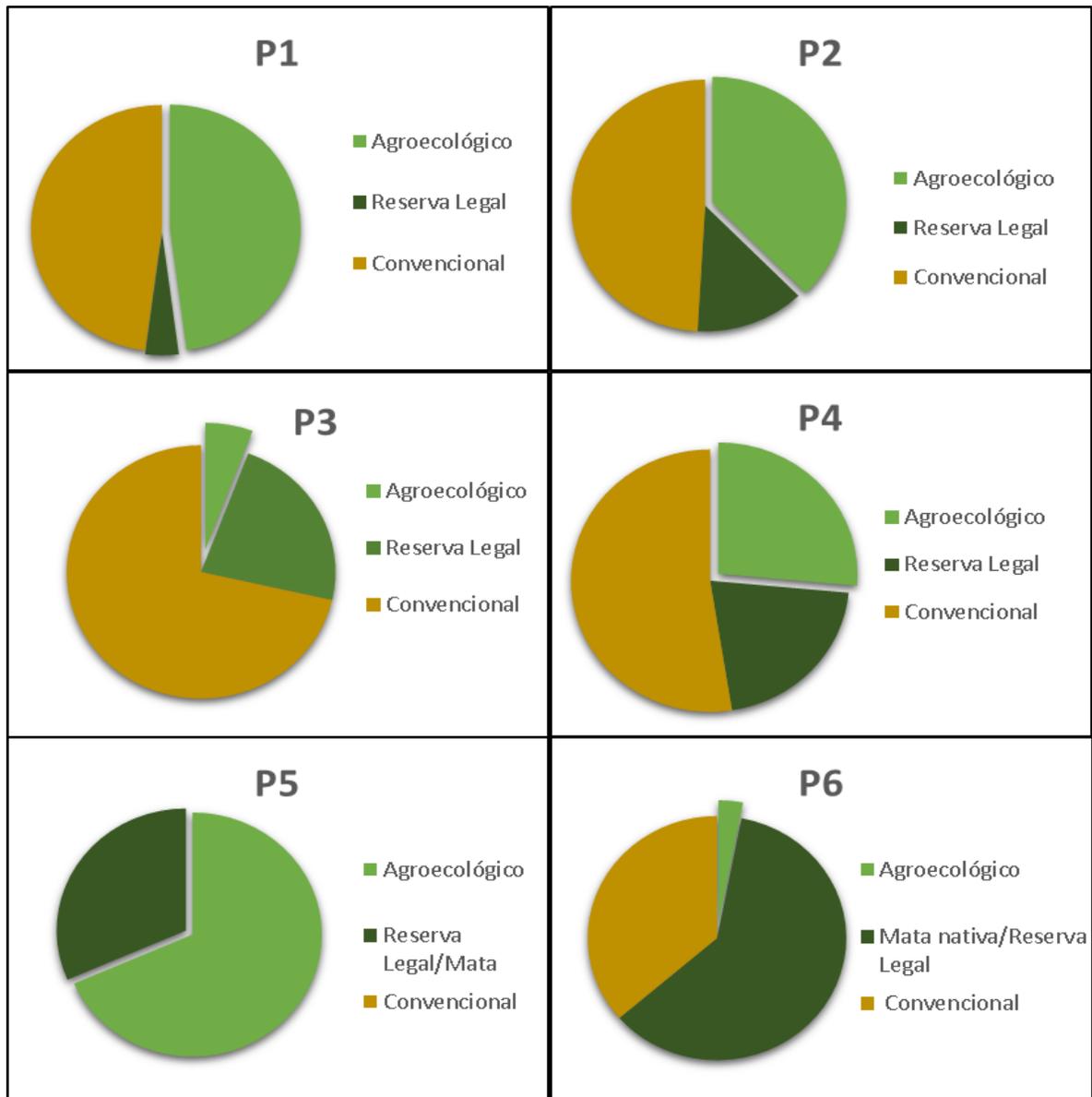
Quanto à Ecovale, os produtores não mantem muita relação com a Cooperativa, se mantendo ligados a ela apenas por causa do espaço da feira. Somente 01 entrevistado salientou que pessoal da Ecovale está auxiliando a produção. A Ecovale comercializa principalmente produtos beneficiados; a maior parte dos entrevistados não produz esse tipo de produto para venda, portanto, não depende tanto da cooperativa para a comercialização de produtos. A relação entre eles ocorre pelo espaço da feira ecológica, que ocorre duas vezes por semana.

4.5 Área, Produtos e Certificação orgânica

Os gráficos abaixo mostram a proporção da produção agroecológica em cada uma das propriedades entrevistadas, dividindo as áreas entre Agroecológico, a Reserva Legal⁴ e o cultivo convencional.

⁴ A Área de Reserva Legal é uma área dentro de uma propriedade com cobertura vegetal nativa. Pode ter uso econômico sustentável. Sua dimensão mínima varia conforme a região, mas no Rio Grande do Sul corresponde a 20% da área total do imóvel. Imóveis até 4 módulos fiscais (em Santa Cruz do Sul o módulo fiscal corresponde 20 ha), na data do Novo Código Florestal, a Reserva Legal é a área de vegetação nativa na data de 22/08/2008 (<https://www.embrapa.br/codigo-florestal/area-de-reserva-legal-arl>).

Figura 4 – Proporção da área dos estabelecimentos com produção Agroecológica, Convencional e Reserva Legal das propriedades visitadas.



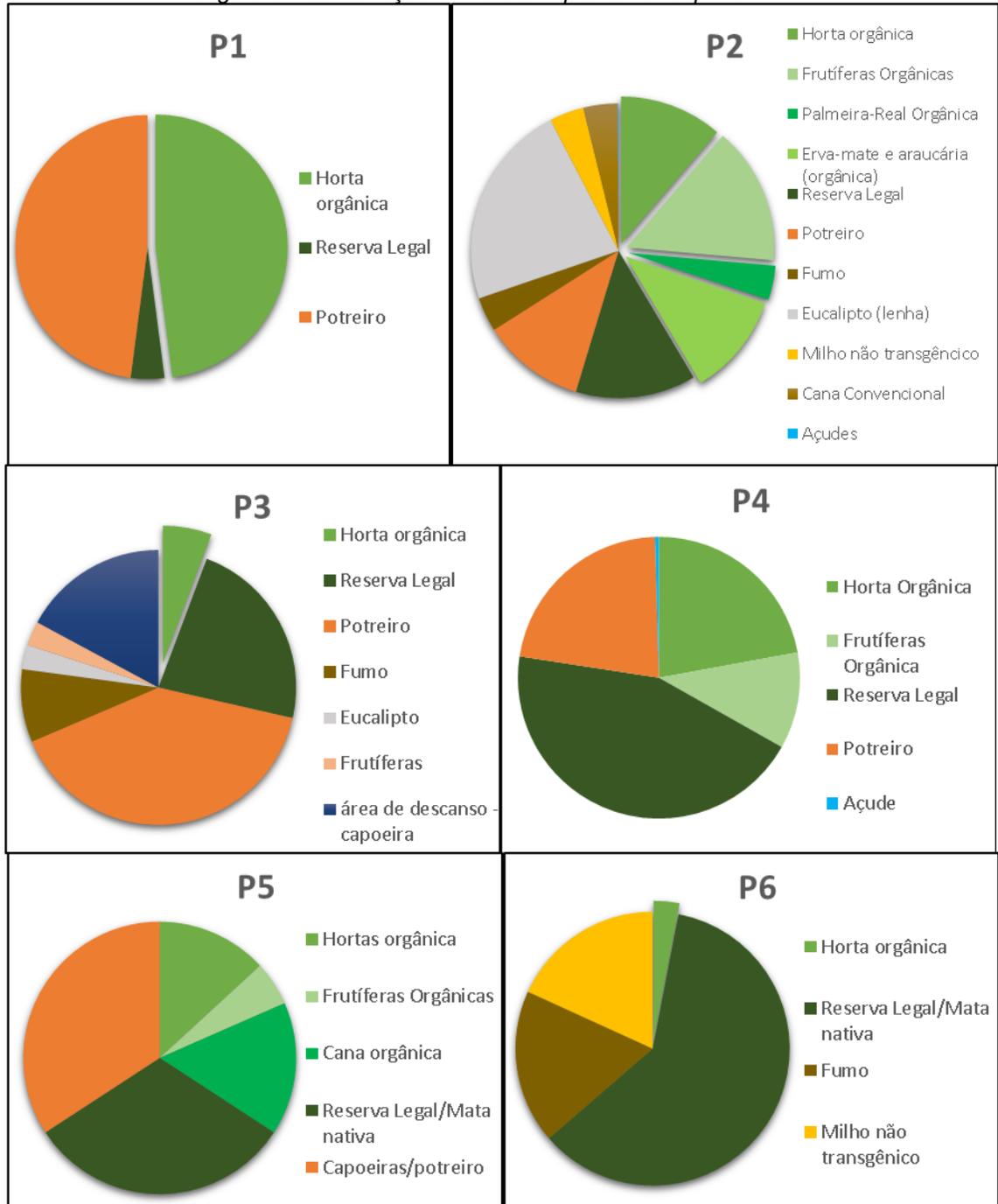
Fonte: elaborado pela autora, baseado em pesquisa de campo (2018).

A partir destes gráficos, nota-se que em apenas uma propriedade existe somente o cultivo Agroecológico; as demais mantêm uma parte de cultivo convencional. O Produtor 04, declarou ter toda a sua produção no sistema agroecológico, mas arrenda metade de sua propriedade a terceiros, e nela seu arrendatário possui cultivo convencional. Ressalta-se a existência da Reserva Legal em todas as propriedades. No caso da propriedade 06 a grande área de mata nativa decorre da localização: a

propriedade fica no limite do vale com o morro, e maior parte de suas terras está em declive, ainda coberta de vegetação nativa.

A imagem a seguir demonstra como as propriedades estão divididas em relação às culturas desenvolvidas:

Figura 5 – Distribuição dos cultivos por área ocupada



Fonte: elaborado pela autora, baseado em pesquisa de campo (2018).

Em todos, a proporção correspondente ao agroecológico envolve principalmente as hortas para cultivo de gêneros alimentícios, e os pomares de frutas. Exceção ocorre em P5, que tem área de cana orgânica pois a família possui uma agroindústria para beneficiamento da cana, que é certificada como orgânica. Este produtor foi um dos pioneiros no cultivo de orgânicos na região, o que colabora para que toda sua propriedade seja orgânica. Em P2 nota-se que existe mais diversidade em seus cultivos, tanto no agroecológico quanto no convencional. Nesta propriedade, diferencia-se a existência de araucárias e erva-mate.

Em P4, que não possui toda a propriedade como agroecológica, para esse gráfico foi considerada apenas a parte que está em seu uso, por isso é mostrada como inteira agroecológica.

As terras com cultivo convencional envolvem apenas em 3 casos o cultivo do fumo, apesar deste ser o principal cultivo agrícola nos municípios envolvidos nesse trabalho. Existe também o cultivo de milho, e dos produtores que o cultivam, nenhum faz uso da semente transgênica. Os poteiros não estão marcados como agroecológico pois eventualmente recebem alguns insumos químicos, apesar de o uso de veneno ser bem pouco.

O cultivo Agroecológico, por definição, apresenta diversos tipos de plantas cultivadas, entre frutas, verduras, temperos e leguminosas. Nas propriedades visitadas foi notável a diversidade de produtos cultivados. Os principais produtos são alface, repolho, couve, agrião, espinafre, cenoura, beterraba, rúcula, salsa, cebolinha, batatinha, batata doce, abobrinha italiana, berinjela, alho-poró, abóbora, aipim, cará, milho, laranja, bergamota, limão, lima, abacate, pêssego, cebolinha, salsa, dentre outros. Em alguns casos a variedade de produtos cultivados em uma propriedade ao longo do ano pode passar de 50 diferentes cultivos, como ocorre com o produtor 05.

Apesar destes produtores estarem há tempos produzindo conforme a Agroecologia, nem todos possuem a certificação dos produtos: 03 possuem certificação e 02 estão em processo para certificar. 01 produtor já teve certificação, mas em função de estar com menos tempo para se dedicar a lavoura, não solicitou renovação do certificado. Dos que já possuem a certificação, ela não envolve de fato todos os produtos, mas apenas alguns. O motivo é a burocracia para certificar, e também por não sentir

necessidade dessa garantia, já que são produtores conhecidos pela sua clientela. Os dois outros que estão em vias de conseguir o certificado de orgânico apresentam visões distintas: Um dos produtores que não possui certificação não tem interesse pois seu principal local de comércio é a Feira da Ecovale, e ali conta com a confiança que a entidade oferece. Porém, está em vias de certificação porque a Cooperativa está insistindo nisso. A principal relutância do produtor é por causa da burocracia e ter que participar de reuniões. Também, argumentou que o Sistema de Certificação pode ser fraudado. Já o outro gostaria muito que seus produtos fossem certificados, pois passaria mais confiança para o consumidor.

Mas a maior parte considera importante certificar. Conforme alguns produtores relataram, a Rede Ecovida é importante para a certificação, pois por ser do tipo Participativa os custos são mais baixos do que por Auditoria. Além da troca de experiências que ocorre nas reuniões de certificação, sempre fazem trocas de sementes. Essas relações fortalecem o vínculo com a agroecologia, pois mostra que existem outros produtores com ideias semelhantes.

4.6 Sensação de bem-estar e problemas da produção

Todos os entrevistados se sentem satisfeitos com a produção agroecológica, apesar das dificuldades. Os problemas apontados por eles para a produção agroecológica apontam em três direções: o trabalho árduo, falta de mão-de-obra, falta de tecnologias e distância do mercado consumidor.

A produção agroecológica depende muito do trabalho cotidiano, já que é preciso fazer limpeza dos canteiros sem o uso de agrotóxicos, o que demanda mais tempo e esforço. Segundo alguns entrevistados, esse é o principal motivo para as pessoas desistirem desse tipo de produção. A falta de tecnologias implica que as principais formas de trabalho ocorrem manualmente, como a capina e o preparo da terra. Alguns produtores possuem trator pequeno para o preparo da terra, mas quase todo o trabalho é feito com enxadas, ancinhos, carrinho de mão e tração animal. Um produtor relatou a dificuldade que passou para combater as formigas, e outro sobre a vulnerabilidade da lavoura às questões climáticas. Na lavoura convencional, se o cultivo está com insetos

que a prejudicam, se usam venenos para combatê-los; na agroecologia esta não seria uma opção, fazendo com que a solução do problema seja mais lenta.

Quanto a problemas climáticos, não é apenas a produção agroecológica que enfrenta esse problema que diversas lavouras, já que a agricultura é altamente dependente dos fatores climáticos, especialmente pluviosidade, temperatura e luz solar. A irrigação e o uso de estufas podem contornar alguns problemas de ordem climática, porém, apenas um produtor apontou usar irrigação em alguma lavoura, e outro que estava para implementar. E somente dois produtores utilizam estufas para alguns cultivos.

Mas apesar dessas dificuldades, além de todos gostarem de produzir alimentos orgânicos, foram enfáticos ao dizer que não deixariam de produzir dessa forma. E gostariam que seus filhos seguissem pelo mesmo caminho.

4.7 Uso de financiamentos e empréstimos

Dois produtores disseram que utilizam algum fundo governamental para a melhoria das produções. Os financiamentos foram adquiridos via FEAPER⁵ e PRONAF. Um deles está para conseguir, a fundo perdido, financiamento para instalar um sistema de irrigação para a sua horta. O outro fez uso do PRONAF para equipamentos, o qual já está pago, e está em vias de conseguir outro financiamento via FEAPER para aquisição de equipamento. Apesar de serem agroecológicos, nenhum deles tentou financiamento via PRONAF agroecologia.

Outros dois produtores conseguiram financiamento para a construção de suas residências, ambas já quitadas.

Em síntese, os produtores entrevistados possuem autonomia financeira, e podem decidir o que e como produzir, já que muitas vezes os empréstimos rurais determinam qual a cultura que o produtor vai cultivar.

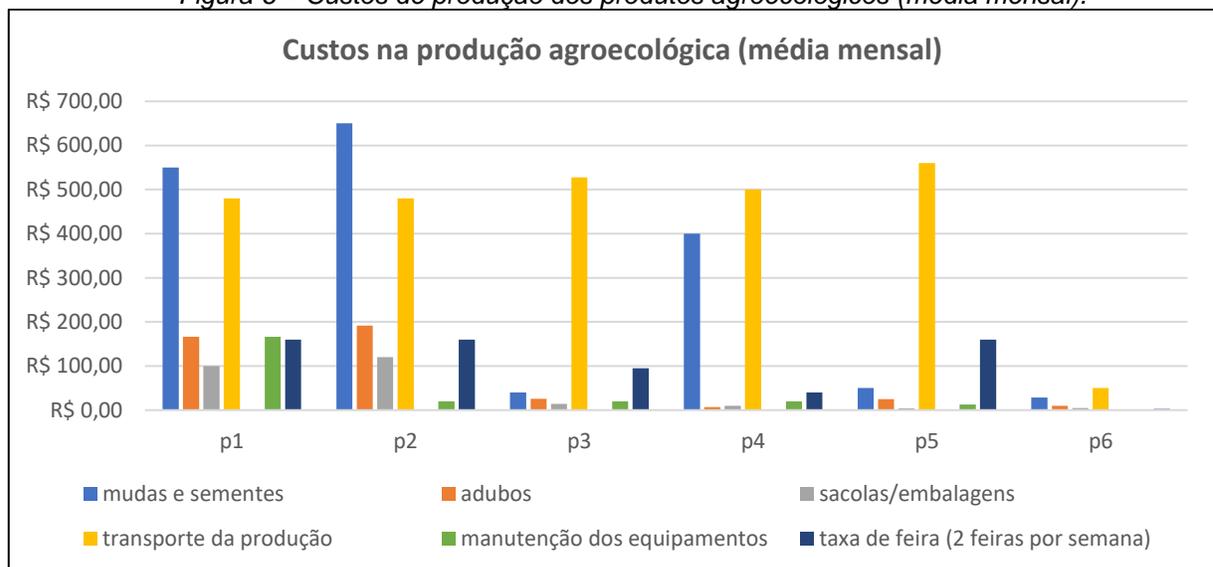
⁵ Fundo Estadual de Apoio ao Desenvolvimento dos Pequenos Estabelecimentos Rurais

4.8 Custos de produção

Para que se possa saber se a produção agroecológica é financeiramente viável, é necessário saber dos custos de produção. Define-se custo de produção “como a soma dos valores de todos os recursos (insumos e serviços) utilizados no processo produtivo de uma atividade agrícola, em certo período de tempo” (CONAB, 2010, p. 15). Os custos considerados foram aqueles que se referem ao desembolso efetivamente realizado, ou seja, depreciação e custos indiretos não estão contabilizados.

Aos produtores foi perguntado sobre seus gastos com sementes, mudas, adubos, equipamentos e frete. Para chegar ao valor do custo mensal, foi feita a soma dos valores anuais e dividido por 12, resultando em custos médios mensais. O gráfico a seguir ilustra os principais custos para a produção agroecológica:

Figura 6 – Custos de produção dos produtos agroecológicos (média mensal).



Fonte: elaborado pela autora, baseado em pesquisa de campo (2018).

Em geral, a produção agroecológica envolve poucos gastos. Os custos mais elevados se referem ao transporte da produção e aquisição de mudas e sementes. Todos os produtores precisam comprar mudas, ao menos para algumas culturas. Os produtores 05 e 06 fazem algumas mudas e sementes, e seus gastos com isso é pouco. Em geral, sementes e mudas compradas não são de origem orgânicas. O motivo principal é que não existe oferta suficiente de sementes e mudas orgânicas.

O transporte da produção é um dos custos mais caros para a maioria dos produtores. A distância da propriedade ao local de comércio e o estado das estradas faz com que os gastos com gasolina e manutenção dos veículos sejam altos. Os produtores 05 e 06, que são feirantes em Venâncio Aires, gastam pouco nesse quesito porque lá eles se organizaram para que um produtor recolha as mercadorias nas propriedades e leve para a feira. O custo do frete por feira é cobrado com base no total vendido.

Em adubação se gasta também pouco, já que muitos dos insumos da adubação vem da propriedade. Mas quando precisa ser comprado, vem de produção também orgânica.

Os gastos com equipamento são baixos, já que maior parte do serviço é feito sem tecnologias, havendo eventualmente um trator pequeno para preparar a terra.

4.9 Comercialização e Participação na renda

Os produtores possuem diversas formas de comercialização de seus produtos: para a maioria deles, a Feira da Ecovale (de Santa Cruz do Sul e Venâncio Aires) é a principal. Segue abaixo algumas imagens da Feira em Santa Cruz do Sul:

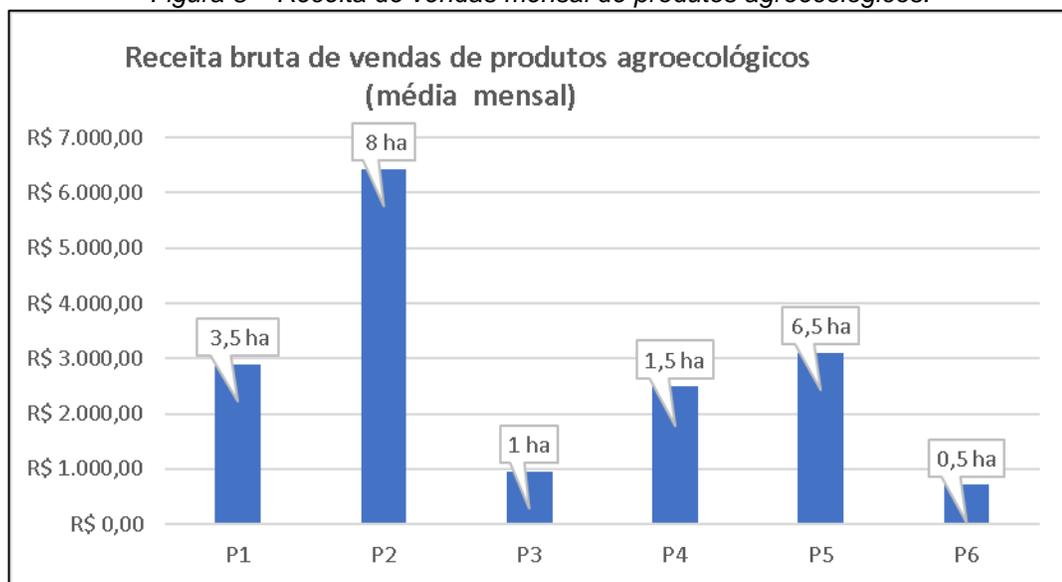
Figura 7 - Imagens da feira da Ecovale em Santa Cruz do Sul



Fonte: da autora (2018)

Para os produtores 01, 02 e 03 e 06, a Feira da Ecovale é o principal local de comercialização dos orgânicos. Outra forma de comercialização ocorre por venda direta ao consumidor, que se dá tanto pela busca na propriedade quanto por encomenda via telefone. O Produtor 04 há pouco tempo participa na Feira da Ecovale, sua principal forma de comércio é por venda direta, na qual as pessoas fazem suas encomendas por telefone/mensagem e ele leva até elas. O Produtor 02 também faz venda direta na comunidade onde vive, principalmente na escola. As pessoas ligam ou mandam mensagens e uma vez por semana ele leva os produtos ao consumidor. O produtor 05, além da feira da Ecovale, vende produtos beneficiados na loja da Ecovale, para o PNAE⁶ e PAA⁷. A figura abaixo mostra o valor obtido com as vendas de produtos agroecológicos.

Figura 8 – Receita de vendas mensal de produtos agroecológicos.



Fonte: elaborado pela autora, baseado em pesquisa de campo (2018).

A receita bruta é o total de vendas, sem descontar as despesas de produção. O valor das vendas foi fornecido pelos produtores, e estão baseados em uma média de vendas por feira. Os produtores não têm o hábito de fazer controle de caixa, por isso os valores são aproximados.

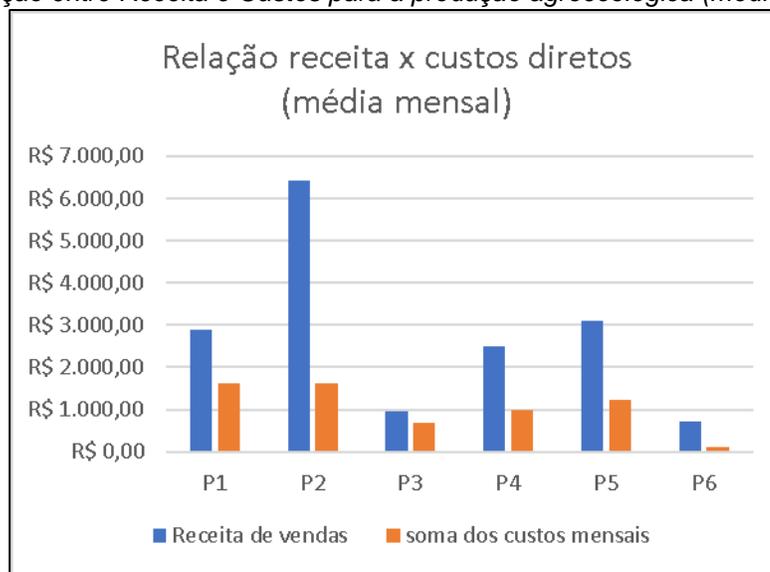
⁶ Programa Nacional de Alimentação Escolar

⁷ Programa de Aquisição de Alimentos

Os produtores que dedicam maior área para o cultivo do ecológico são os que obtêm maior valor em vendas, já que possuem mais produtos para a comercialização. O Produtor 05 possui uma agroindústria, o que faz que seu volume de vendas seja mais elevado que os demais.

Mas é fundamental comparar o valor obtido a partir das vendas com os custos da produção. Ao se comparar a relação entre a receita em vendas com os custos da produção orgânica, temos:

Figura 9 – Relação entre Receita e Custos para a produção agroecológica (média mensal)



Fonte: elaborado pela autora, baseado em pesquisa de campo (2018).

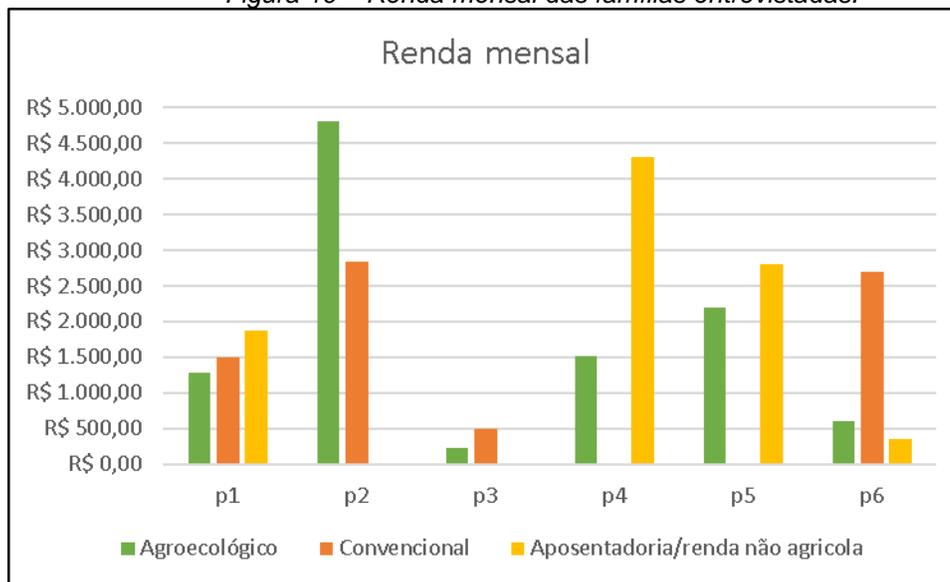
Para que se tenha lucro, é necessário que as vendas sejam maiores que as despesas. Observa-se que em todos os casos as despesas são menores do que as vendas, o que indica saldo positivo na relação comercial. O Produtor 2 possui o maior volume de vendas, e também maior diversidade de produtos, conseguindo melhor retorno financeiro das vendas, pois seus custos são relativamente baixos.

Porém, o produtor 03 possui níveis próximos de custo e receita, o que indica um lucro menor. A despesa principal deste produtor é o custo do transporte, que em relação a quantidade de produtos vendida prejudica a sua rentabilidade. A Produtora 06 apresenta baixos custos de produção, já que seu custo com transporte envolve apenas

uma pequena porcentagem do que vende, explica o motivo da receita ser muito superior aos custos de produção.

Em geral, o lucro⁸ obtido das vendas mensais varia de R\$300,00 para quem vende em menor quantidade a pouco mais de R\$ 5.000,00 para o que mais vende. O gráfico a seguir ilustra a composição da renda familiar.

Figura 10 – Renda mensal das famílias entrevistadas.



Fonte: elaborado pela autora, baseado em pesquisa de campo (2018).

Para se chegar aos resultados da renda mensal das famílias foi considerado a receita de venda dos agroecológicos nas diferentes formas, deduzida os custos diretos com a produção (dados obtidos pelas entrevistas). As aposentadorias e rendas não agrícolas e o lucro do cultivo convencional foram informadas pelos entrevistados.

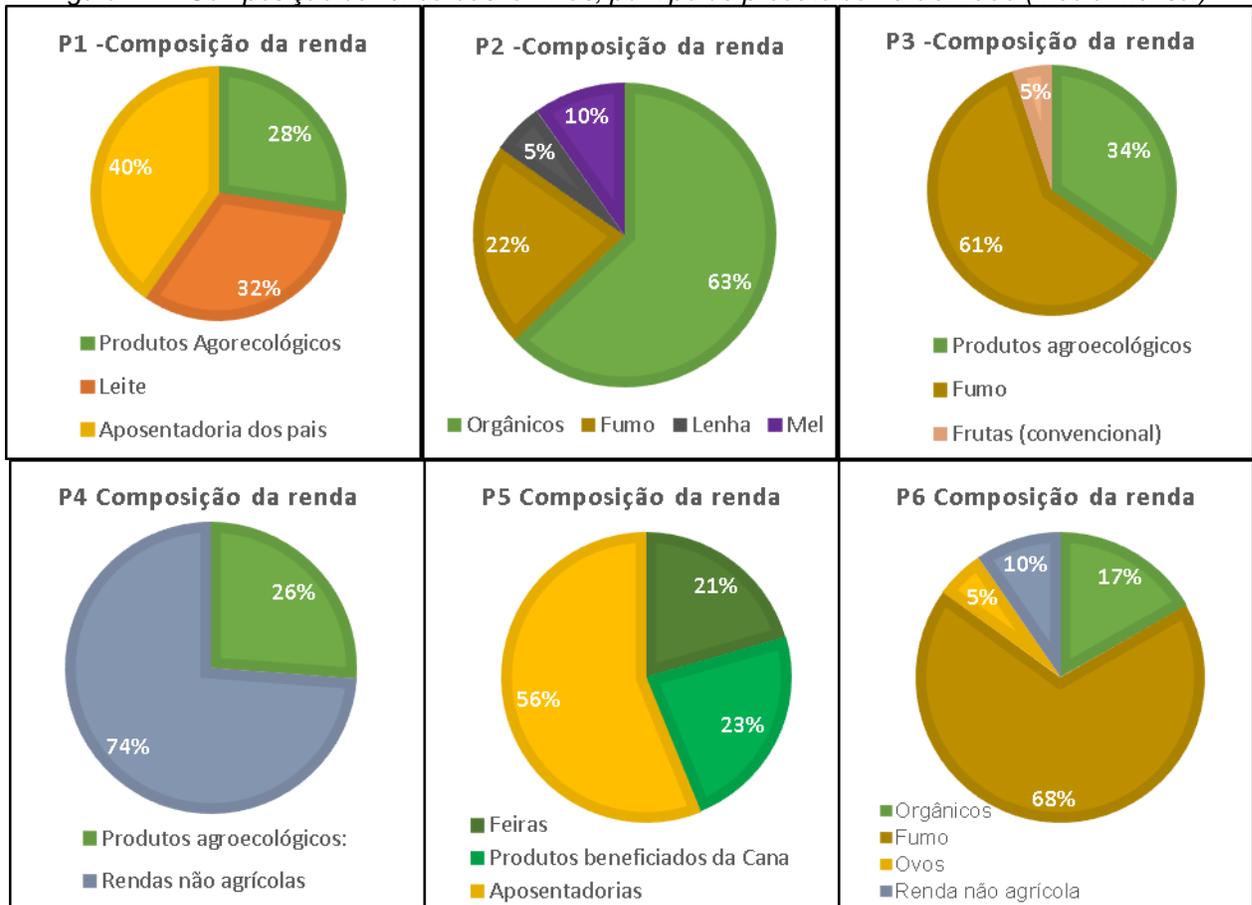
As aposentadorias entram nessa análise porque em alguns casos os aposentados fazem parte do grupo familiar. Exceto o Produtor 04, os demais declararam que junto ou próximo vivem seus pais, avós, sogros, enfim, pessoas da família que já são idosas. Se as pessoas que são aposentadas ajudam com o trabalho rural e dividem as contas, a aposentadoria foi considerada para a renda familiar. Já quando os idosos vivem com sua

⁸ Neste trabalho, o lucro é considerado como a receita total menos os custos de produção.

aposentadoria e o produtor falou que a renda da comercialização não vai para os pais (pelo menos a grosso modo), a aposentadoria não foi considerada. E por fim, o Produtor 05, ele, sua esposa e irmã, que trabalham na propriedade, já são aposentados, e esses valores foram considerados na composição da renda. Mas também vive com eles os sogros, que a aposentadoria deles não foi considerada, por não trabalharem na produção.

Como a produção agroecológica não é a única forma de produção das propriedades, também foi investigada como é composta a renda das famílias, ou seja, quais são as formas de obtenção de dinheiro, o que envolve a comercialização de produtos orgânicos e não orgânicos, aposentadorias ou outras rendas. Os gráficos a seguir ilustram essa relação, considerando todas as formas de obtenção de dinheiro:

Figura 11 – Composição da renda das famílias, por tipo de produto comercializado (média mensal).

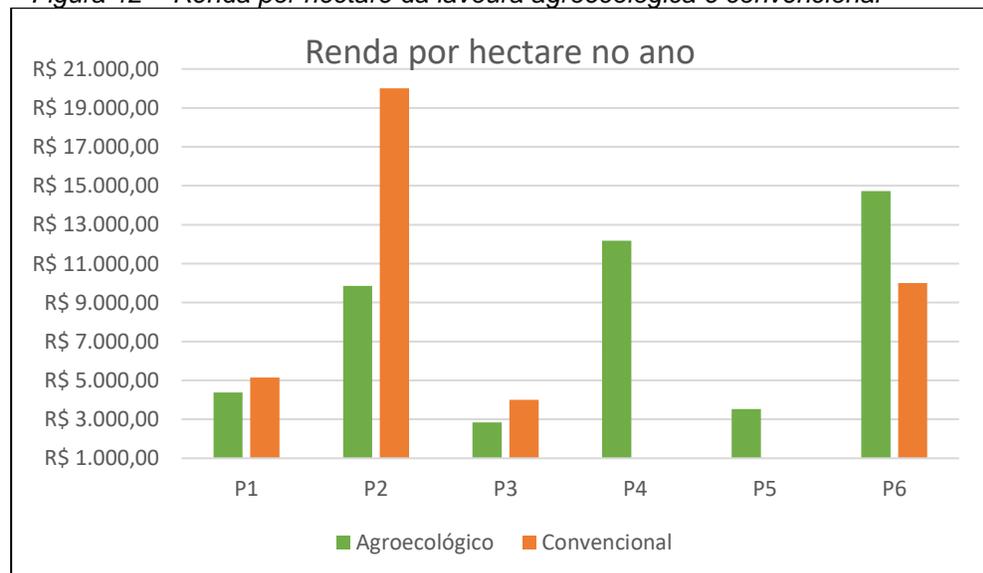


Fonte: elaborado pela autora, baseado em pesquisa de campo (2018).

Considerando que os produtores entrevistados possuem diferentes áreas e cultivos agroecológicos, a variação da renda obtida com esses produtos também varia. A partir da figura acima, nota-se que a renda dos produtos agroecológicos compõe maior parte da renda mensal apenas para o P2, que é também quem produz em maior área. No caso do Produtor 5, a renda dos produtos agroecológicos é composta pelas feiras e produtos beneficiados da cana, compondo quase metade da renda familiar. Mas a aposentadoria é que soma maior parte dos rendimentos mensais, já que maior parte do grupo familiar já é aposentada. A aposentadoria também é parte importante para o Produtor 01, mas quem recebe são os pais do produtor, que trabalham e residem juntos. O produtor 04 possui maior parte de sua renda não vinculada a terra. Além dele ser produtor agrícola a menos tempo que os demais, ele tem outra renda externa e também sua esposa trabalha fora da propriedade. A menor participação na renda proveniente de produtos agroecológicos é na Propriedade 06, que é também a que apresenta menor área para esse cultivo (apenas 0,5 ha). O fumo compõe maior parte da renda para os produtores 03 e 06.

Estes produtores não possuem áreas iguais dedicadas a produção agroecológica. Ao confrontar o lucro por hectare entre os produtos agroecológicos e o cultivo convencional, temos:

Figura 12 – Renda por hectare da lavoura agroecológica e convencional



Fonte: elaborado pela autora, baseado em pesquisa de campo (2018).

Este gráfico foi elaborado considerando a renda obtida com os produtos agroecológicos e convencionais, dividindo pela área ocupada para cada uma⁹. Ao comparar a lucratividade dos cultivos pela área total que foi utilizada para o cultivo, observa-se que, via de regra, o cultivo convencional é mais lucrativo. Mas cada caso tem suas particularidades. O maior contraste de lucratividade entre ecológico e convencional ocorre com P2. Este produtor tem principalmente o tabaco como cultivo convencional¹⁰, mesmo que na participação da renda mensal a produção agroecológica tenha maior participação. Na rentabilidade por hectare, o lucro dos orgânicos é inferior ao fumo. Conforme ele explicou, o alto lucro que obteve decorre de já possuir os instrumentos necessário para o trabalho, e a safra ter sido bem avaliada na classificação (na indústria do fumo, existem 41 classes de fumo, podendo custar entre menos de R\$1,00 até R\$12,00 o quilo do tabaco). Ele pretende deixar de produzir fumo, e vem reduzindo meio hectare por safra. Antes do agroecológico toda a propriedade era toda de cultivo de fumo.

Os Produtores 03 e 06 também tem o fumo como o principal cultivo convencional, mas não obtiveram os mesmos lucros de P2. Inclusive, P6 obtém rendimento menor no fumo do que no agroecológico, mas a renda ligada ao agroecológico é menor pois usa pouca área.

Os Produtores 04 e 05 não possuem cultivo convencional e toda a sua renda agrícola é obtida de produtos agroecológicos.

Ha que ser considerado também que o cultivo convencional não contabiliza os danos ambientais que gera. Não existe custo associado a depredação do solo, a extinção de espécies animais e vegetais, a poluição dos recursos hídricos. A agroecologia defende um ambiente mais sustentável, que garanta as próximas gerações suas possibilidades de sustento e qualidade de vida. Como colocar esses dados na contabilidade?

⁹ Par o produtor 05 não foi considerado o valor dos produtos beneficiados e área da Cana.

¹⁰ Também possui eucalipto, mas colhe poucos m³ por ano.

5 CONCLUSÕES

A questão central desse trabalho buscava saber se a produção agroecológica é financeiramente viável para os seus produtores. Em termos gerais a resposta é que sim, ela é viável, pois a partir dos dados analisados mostrou-se que a renda obtida com a comercialização de produtos agroecológicos seria suficiente para sustentar as famílias entrevistadas.

Apesar de na maioria dos casos a rentabilidade por hectare do cultivo convencional ser maior que o ecológico, a viabilidade financeira não depende de o que produz mais, mas sim se os valores adquiridos a partir de produtos agroecológicos seriam suficientes para sustentar os agricultores e suas famílias.

Argumenta em favor de que a agroecologia é viável pois um dos entrevistados – produtor 05 – possui toda a sua produção nesse sistema há quase 20 anos. Esse produtor foi um dos pioneiros na região a trabalhar sem veneno. O produtor 2 obtém renda mensal com os orgânicos suficiente para manter a família (cerca de R\$4.500,00 por mês). A produtora 06, quem possui a menor área de cultivo (0,5 hectare), consegue rendimento de quase um salário mínimo na venda de orgânicos, e o rendimento por hectare foi maior do que do fumo. O produtor 04 ainda está investindo na propriedade, mas seu cultivo, já rende cerca de R\$1.500, 00 ao mês

A aposentadoria como participação da renda mostrou-se importante na renda familiar. Dois entrevistados possuem essa renda no grupo familiar: o produtor 02, na qual os pais são aposentados rurais e o produtor 05 em que quase todos os membros do grupo familiar já é aposentado. Das quatro pessoas do grupo familiar, 02 são aposentados rurais e 1 por outras atividades. Mas em apenas 01 caso não existia pessoas aposentadas na propriedade; os demais ainda convivem com os pais, sogros, avós que possuem suas aposentadorias. Mas não foram usadas para o cálculo da renda porque seus recebimentos ficam para si.

A importância de instituições de apoio também foi levantada nesse trabalho. Todos declararam a importância do CAPA no processo de transição agroecológica e o apoio na certificação; sem a presença do CAPA talvez não houvesse a produção agroecológica na região. Já o papel da Ecovale não é fundamental para muitos, já que quase nenhum

deixa produtos na loja da cooperativa. O mais importante é o espaço da feira. Outra instituição que apareceu como importante para a agroecologia foi a Escola Família Agrícola. Uma das entrevistas foi realizada com uma egressa desta escola, e foi lá que conheceu esse sistema de cultivo. A EFA promove práticas sustentáveis na agricultura, e alguns alunos acabam seguindo o caminho da Agroecologia ao se formar. Também aí possa colaborar para a renovação da mão de obra no campo, já que muitos jovens preferem sair do meio rural.

Quanto à questão dos filhos permanecerem no campo, todos os entrevistados disseram que gostariam que seus filhos seguisse na propriedade, com a produção ecológica. Em 03 casos os filhos ainda são pequenos, então não há como saber se ficarão no campo. No caso do produtor 04, que tem 2 filhos adultos, só um deles trabalha junto na propriedade. O produtor 05, que tem 03 filhos adultos, só 01 permanece ligado ao campo, as outras duas filhas se formaram em curso de nível superior não ligado ao campo, trabalham em escritórios e residem na cidade. Daí o papel importante da Escola Família Agrícola em talvez promover a renovação de produtores agroecológicos.

A agroecologia como forma de produção da agricultura familiar, não utilizando venenos e não sendo muito dependente de insumos externos, é ambientalmente mais sustentável que a agricultura convencional. Uma produção que não prejudica de forma agressiva o ambiente, a saúde dos seres vivos, não polui recursos hídricos e nem esgota o solo, não deveria estar em escala de comparação com o cultivo convencional. A agroecologia é solidária e responsável, não visa somente o lucro. Deveria haver mais apoio e incentivo para as práticas ecológicas, prêmios por não degradar o ambiente.

Os produtores entrevistados todos se sentem muito felizes com as práticas ecológicas, apesar das dificuldades que encontram. Gostam de saber que agem de forma correta, se preocupam com suas saúdes.

Um dos problemas para a expansão da produção agroecológica dos agricultores entrevistados está ligado a falta de mão de obra para expandir. Havendo duas ou três pessoas para todo o cultivo, falta “braço” para trabalhar.

A demanda por produtos agroecológicos é, muitas vezes, maior que a oferta de produtos. Conforme os responsáveis pelo Capa e Ecovale, existem produtos, como o feijão, em que a demanda é maior do que a oferta. Os produtores de Venâncio Aires

tentaram expandir a feira para outro município, mas não havia produção suficiente para essa feira a mais, então, desistiram.

A produção agroecológica pode se inserir no mundo moderno, de competição. Mas com seus próprios termos. Os produtores 02 e 05 tem visões empresariais da sua produção, conseguem ter bons volumes de vendas e, portanto, mais dinheiro. E ainda assim com práticas sustentáveis.

Portanto, esse trabalho atinge seu objetivo de mostrar que a agroecologia é viável financeiramente, e os problemas que possam lhe afetar podem ser resolvidos com o trabalho em grupo, que se torna fundamental em práticas que desafiam a ordem vigente.

6 REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, J. **A construção social de uma nova agricultura**. Porto Alegre: Universidade/UFRGS, 1999.
- ALTIERI, M. **Agroecologia: bases científicas para uma agricultura sustentável**. Rio de Janeiro: Expressão Popular, 2012.
- BRASIL. LEI Nº 10.831, de 23 de dezembro 2003., 2003. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.831.htm>. Acesso em: 8 julho 2018.
- BRASIL. LEI Nº 11.326, DE 24 DE JULHO DE 2006, 2016. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2006/lei-11326-24-julho-2006-544830-normaatualizada-pl.pdf>>. Acesso em: 02 jul 2018.
- BRASIL. Decreto n.º6.323, de 27 de dezembro de 2017., 2017. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/Decreto/D6323.htm>. Acesso em: julho 2018.
- BRUM, A. J. **Modernização da Agricultura: tigo e soja**. Petrópolis: Vozes, 1988.
- CAPORAL, F. R.; COSTABEBER, J. A. Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável: Perspectivas para uma nova extensão rural. In: ETGES, V. E. **desenvolvimento rural: potencialidades em questão**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2001.
- CAPORAL, R. Agroecologia não é um tipo de agricultura alternativa, sd. Disponível em: <<https://www.dropbox.com/s/yo0183uaznepzhm/Agroecologia%20n%C3%A3o%20%C3%A9%20um%20tipo%20de%20agricultura%20alternativa.pdf>>. Acesso em: fevereiro 2018.
- CERTIFICAÇÃO Participativa. Direção: Fernando Angeoletto. [S.l.]: Sepagro. 2013.
- CONAB. **Custos de produção agrícola: a metodologia da Conab**. Brasília: Conab, 2010. Disponível em: <https://www.conab.gov.br/images/arquivos/informacoes_agricolas/metodologia_custo_producao.pdf>. Acesso em: 25 Outubro 2018.
- DEPONTI, C. M.; ALMEIDA, J. indicadores para a avaliação da sustentabilidade em contextos de desenvolvimento rural local., novembro 2002. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/pgdr/publicacoes/producaotextual/jalcione-almeida/deponti-cidonea-m-e-almeida-jalcione-indicadores-para-a-avaliacao-da-sustentabilidade-em-contextos-de-desenvolvimento-rural-local-in-anais-do-vi-congresso-da-associacao-latino-americana>>. Acesso em: 20 maio 2017.
- DREBES, L. M. Projeto de juventude rural, campo de possibilidades e migração: um estudo documental do Centro de Desenvolvimento do Jovem Rural (CEDEJOR). **Revista Monografias Ambientais - REMOA**, Santa Maria, v. 13, n. 5, p. 4087-4098, dezembro 2014. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/remoa/article/view/15036/pdf>>. Acesso em: 04 setembro 2018.

ECOVIDA, R. D. A. <http://ecovida.org.br/>. Disponível em: <<http://ecovida.org.br/>>. Acesso em: 05 abril 2018.

EMBRAPA. **Marco Referencial em Agroecologia**. Brasília: Embrapa Informação Tecnológica, 2006. Disponível em: <<https://www.alice.cnptia.embrapa.br/alice/bitstream/doc/107364/4/Marcoreferencial.pdf>>.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, T. D. **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: UFRGS, 2009.

GLIESSMAN, S. R. **Agroecologia: processos ecológicos em agricultura sustentável**. 4. ed. Porto Alegre: UFRGS, 2008. 656 p.

IBGE. **Censo Agropecuário 2006: Agricultura Familiar**. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Rio de Janeiro. 2009.

IBGE. Dados preliminares Censo agropecuário 2017, 2018. Disponível em: <https://censos.ibge.gov.br/agro/2017/templates/censo_agro/resultadosagro/agricultura.html?localidade=43&tema=76474>. Acesso em: agosto 2018.

IBGE. SIDRA, 2018. Disponível em: <https://censos.ibge.gov.br/agro/2017/templates/censo_agro/resultadosagro/agricultura.html?localidade=43&tema=76474>. Acesso em: setembro 2018.

LUDTKE, R. C. **INICIATIVAS DE DIVERSIFICAÇÃO AO CULTIVO DO TABACO NO MUNICÍPIO DE SANTA CRUZ DO SUL –RS: UM ESTUDO DE CASO**. Laranjeiras do Sul: [s.n.], 2016. Disponível em: <<https://www.uffs.edu.br/campi/laranjeiras-do-sul/cursos/mestrado/mestrado-em-agroecologia-e-desenvolvimento-rural-sustentavel/dissertacoes-defendidas/iniciativas-de-diversificacao-ao-cultivo-do-tabaco-no-municipio-de-santa-cruz-do-sul-2013-rs-um-estudo-de>>. Acesso em: 07 maio 2017.

MYRANDA, C. A. R.; HERNÁNDEZ, B. G. T. Agricultura familiar campesina y soberanía. **REVISTA ALASRU - Análisis Latinoamericano del Medio Rural**, n. 9, Octubre 2014. Disponível em: <<http://www.alasru.org/pdf/ALASRU914final.pdf>>.

ONU. Ano internacional da agricultura familiar 2014. **Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura**, 2014. Disponível em: <<http://www.fao.org/family-farming-2014/home/what-is-family-farming/pt/>>. Acesso em: 6 junho 2018.

ONU BRASIL. **Nações Unidas no Brasil**, 2018. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/acao/meio-ambiente/>>. Acesso em: 23 dezembro 2018.

ORGANICSNET. OrganicsNet. Disponível em: <<http://www.organicsnet.com.br/certificacao/manual-certificacao/>>. Acesso em: 28 ago. 2018.

ANEXO A – MODELO DE ENTREVISTA

Conhecer o produtor e o motivo da produção orgânica

1. É agricultor a quanto tempo? Seus pais também eram agricultores?
2. Vive na propriedade?
3. A terra é sua ou de sua família?
4. Como adquiriram a propriedade?
5. Quantos hectares possui?
6. Toda a produção é orgânica/agroecológica?
7. Como está a divisão da propriedade em relação a área ocupada por cada tipo de produção?
8. Quantas pessoas dependem da propriedade?
9. Quando começou a produção agroecológica? Por que ocorreu o interesse?
10. Qual a área total da produção agroecológica? Sempre foi a mesma desde a mudança?
11. O que se produzia antes? Como foi o processo de transição?
12. Existe ainda cultivo tradicional? De que? Quanto de área? Por quê?
13. Quais produtos são cultivados no sistema agroecológico?
14. Tem certificação? Em quais produtos?
15. Vocês produzem quase tudo o que precisam consumir em termos alimentares? O que precisa ser comprado?
16. Qual a importância do CAPA na decisão de produzir de maneira agroecológica?
17. Qual a importância da ECOVALE pra tua produção?
18. Qual a importância da Rede Ecovida pra tua produção?
19. Quais as formas de comercialização da produção? (Feira, Cooperativa, mercado...)?
20. Qual a origem de sementes/mudas, adubos? Também são orgânicos?
21. Recebem apoio técnico para a produção orgânica? De onde? Com que frequência? Sente falta de mais acompanhamento técnico?

22. Quais as maiores dificuldades no cultivo agroecológico?

23. Já pensou em voltar ao cultivo tradicional?

Custo anual/mensal da produção orgânica:

Gasto com mudas/sementes:

Gasto com Adubos:

Gasto com sacolas:

Gasto com Transporte da produção:

 Manutenção do veículo:

 Combustível:

Gasto com Taxa de feira:

Gasto com Manutenção de equipamentos:

Frequência que compra/troca/conserta equipamentos:

Faz/fez uso de empréstimos? (ex.: Pronaf). Se sim, os valores já estão pagos, ou estão em dia com o pagamento de parcelas?

Comercialização dos produtos

Quantidade plantada: área, kg

Quantidade colhida: área, kg

Quantidade vendida: área, kg

Preço de Venda:

Composição da renda familiar:

Aposentadorias/pensões:

Renda de outros cultivos:

Renda da produção orgânica:

Dados da família:

Nome, idade, escolaridade, laço de parentesco com o entrevistado

Dados sobre a residência:

Possui:

TV:

() sim () pretende trocar? Motivo: _____

() não se não, por que motivo? _____

Fogão a gás:

() sim () pretende trocar? Motivo: _____

() não se não, por que motivo? _____

Fogão a lenha:

() sim () pretende trocar? Motivo: _____

() não se não, por que motivo? _____

Geladeira:

() sim () pretende trocar? Motivo: _____

() não se não, por que motivo? _____

Freezer:

() sim () pretende trocar? Motivo: _____

() não se não, por que motivo? _____

Rádio

() sim () pretende trocar? Motivo: _____

() não se não, por que motivo? _____

Telefone

() sim () pretende trocar? Motivo: _____

() não se não, por que motivo? _____

Tem internet na propriedade?

Na opinião de vocês, a residência está

em boas condições

em razoável estado de conservação

precisando urgente de reforma

Caso queiram mudanças, porque não foram feitas ainda?

Quando precisam de médico, usam a rede pública ou privada?

Se precisam de medicamentos, vocês podem comprar ou precisam pedir no posto de saúde?

Finalizar

Quão satisfeito você está com a sua forma de vida e trabalho?

Desejas que teus filhos continuem com esse estilo de vida?

O que poderia ser melhor? O que faz falta, seja para produção ou para o bem estar de vocês?